



COMUNIDADE EUROPEIA
Fundo Social Europeu

Educar para a Diversidade

Cabo Verde

Cape Verde • Le Cap-Vert



Bloco Multimedia

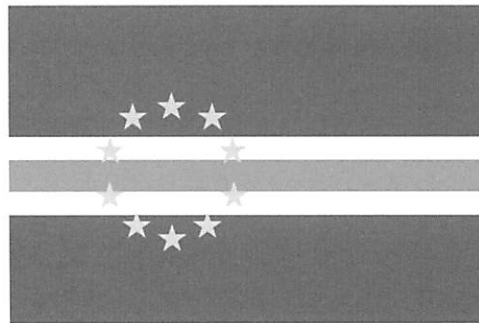
Lígia Évora Ferreira



CEMRI

Cabo Verde

Cape Verde • Le Cap-Vert



Lígia Évora Ferreira

Com o patrocínio de:/Supported by:/Sous le patronage de:

- **Câmara Municipal de Lisboa**
Acção Social
Conselho Municipal das Comunidades Imigrantes e Minorias Étnicas; Projecto LIA
- **Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação**
- **Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Fundo Social Europeu/Projecto "Saber Viver numa Europa Multicultural"**
- **Fundação Calouste Gulbenkian**
Departamento de Educação
- **Instituto de Cooperação Portuguesa do Ministério dos Negócios Estrangeiros**

FICHA TÉCNICA

Título: Cabo Verde

Autor: Lígia Évora Ferreira

Orientação científica: Natália Ramos

Coordenação de Edição: Maria Beatriz Rocha-Trindade

Edição: Universidade Aberta

Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1250 Lisboa

Concepção gráfica: Deltagraphos, Design e Publicidade, Lda.

Ilustração da capa: Teresa Vergani

Fotolito: ABC Gráfica, Lda.

Impressão e acabamento: Litografia Amorim

Tiragem: 1000 Exemplares

© Copyright: Universidade Aberta, 1997

ISBN: 972-674-234-X

Depósito Legal: 119 658/98

Lisboa 1997

NOTA PRÉVIA

A presente obra e a documentação que a acompanha integram-se no Projecto "Educar para a Diversidade", desenvolvido no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais / CEMRI, unidade de investigação constituída no âmbito do Instituto de Estudos Pós-Graduados da Universidade Aberta, dirigida por Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Apresentada sob a forma de blocos multimedia, em língua portuguesa, inglesa e francesa, esta iniciativa conta com a participação de investigadores e colaboradores do CEMRI, provenientes de diferentes disciplinas na área das Ciências Sociais e Humanas.

"Educar para a Diversidade" tem como objectivo a concepção e produção de materiais scripto, áudio e vídeo, destinados à formação e informação, no espaço europeu, de agentes sociais, educativos e de saúde, assim como do público em geral, sobre a problemática da diversidade e da interculturalidade no âmbito da educação intercultural.

Vivemos numa sociedade em que conhecer, compreender e adoptar atitudes e comportamentos adaptados à diversidade de culturas e de grupos constitui uma riqueza e uma necessidade para todos, nacionais ou estrangeiros, profissionais ou não profissionais, jovens ou adultos.

A concretização destes objectivos passa pela implementação de políticas e estratégias interculturais adequadas, nomeadamente através de uma política de educação que contemple uma acção educativa de todos para as realidades colocadas pelo multiculturalismo.

Promover o conhecimento e a compreensão da história e da cultura das várias comunidades em presença, das diferentes formas de pensar, de agir e de viver, assim como contribuir para o desenvolvimento de atitudes e procedimentos adaptados ao contexto de diversidade cultural e étnica, são objectivos do projecto "Educar para a Diversidade", do qual a signatária assumiu a direcção e coordenação científica.

Natália Ramos

INTRODUCTORY NOTE

This current work and the documentation that accompanies it make up part of the "Educating for Diversity" Project. It was developed in the Centre for Studies of Migration and Intercultural Relationships (CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais), a research unit organised within the framework of the Institute for Post-Graduate Studies of the Universidade Aberta (Open University), directed by Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Produced in the form of multimedia components in Portuguese, English and French, this project includes researchers and collaborators from CEMRI who represent different disciplines in the area of Social and Human Sciences.

The objective of "Educating for Diversity" is the conception and production of written, audio and video material intended to provide education and information about diversity and intercultural problems within the scope of intercultural education for social, education and health workers, as well as the general public.

We are living in a society where perceiving, understanding and adopting attitudes and behaviour appropriate to the diversity of cultures and groups is worthwhile and imperative for everyone, citizens or foreigners, professionals or non-professionals, youth and adults.

The attainment of these objectives includes implementation of appropriate intercultural policies and strategies, specifically through a policy of education that contemplates an educational activity for all toward the realities established by multiculturalism.

The objectives of the "Educating for Diversity" Project, for which the undersigned is responsible for the administration and scientific co-ordination, are to promote the knowledge and understanding of the history and culture of different communities and of the different ways of thinking, acting and living, as well as to contribute in this manner to the development of attitudes and behaviour appropriate to the context of cultural and ethnic diversity.

Natália Ramos

AVANT-PROPOS

Cet ouvrage et les documents qui l'accompagnent s'intègrent dans le Projet "Éduquer à la Diversité", développé au Centre d'Études des Migrations et des Relations Interculturelles / CEMRI, unité de recherche constituée au sein de l'"Instituto de Estudos Pós-Graduados" de l'Universidade Aberta, dirigée par Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Présentée sous forme de blocs multimédia, en langues portugaise, anglaise et française, cette initiative a reçu la participation de chercheurs et de collaborateurs du CEMRI, issus de différentes disciplines dans le domaine des Sciences Sociales et Humaines.

"Éduquer à la Diversité" a pour objectif la conception et la production d'outils écrits, audio et vidéo, destinés à la formation et à l'information, dans l'espace européen, d'agents sociaux, éducatifs et de la santé, ainsi que du public en général, sur la problématique de la diversité et de l'interculturalité dans le cadre de l'éducation interculturelle.

Nous vivons dans une société où connaître, comprendre et adopter des attitudes et des comportements adaptés à la diversité des cultures et des groupes constitue une richesse et une nécessité pour tous, nationaux ou étrangers, professionnels ou non professionnels, jeunes ou adultes.

La concrétisation de ces objectifs passe par la mise en oeuvre de politiques et de stratégies interculturelles adéquates, notamment par une politique d'éducation qui prévoit une action éducative de tous aux réalités soulevées par le multiculturalisme.

Promouvoir la connaissance et la compréhension de l'histoire et de la culture des différentes communautés en présence, des différentes formes de penser, d'agir et de vivre, ainsi que contribuer au développement d'attitudes et de comportements adaptés au contexte de diversité culturelle et ethnique, tels sont les objectifs du projet "Éduquer à la Diversité" dont la signataire a assumé la direction et la coordination scientifique.

Natália Ramos

Cabo Verde



*Nós somos os flagelados do vento-leste!
(...) Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
a caminhada
Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos!...)*

Ovídio Martins

100 poemas, 1974

ÍNDICE

	Página
1. LOCALIZAÇÃO. ESTRUTURAS FÍSICAS E GEOGRÁFICAS	13
2. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE CABO VERDE	15
2.1. Período Colonial	16
2.2. A República de Cabo-Verde	17
3. ESTRUTURAS SOCIODEMOGRÁFICAS	19
3.1. Evolução da População	19
3.2. Organização Social: Família, Grupos e Classes Sociais	20
4. ESTRUTURAS ECONÓMICAS	23
4.1. Agricultura	23
4.2. Pecuária	24
4.3. Pesca	24
4.4. Indústria	24
5. ESTRUTURAS CULTURAIS	27
5.1. Língua	27
5.2. Literatura	27
5.3. Música e dança	28
5.4. Artesanato	29
5.5. Culinária	29
5.6. Religião	29
6. EMIGRAÇÃO	31
6.1. O Cabo-Verdiano e a Emigração	31
6.2. Cabo-Verdianos em Portugal	31
BIBLIOGRAFIA	90
INFORMAÇÕES ÚTEIS	91
AGRADECIMENTOS	92

1. LOCALIZAÇÃO. ESTRUTURAS FÍSICAS E GEOGRÁFICAS

Situada no Oceano Atlântico Norte, a cerca de 500 km da costa ocidental da África, a República de Cabo Verde é um território insular. O arquipélago é composto por dez ilhas e oito ilhéus que se distribuem em dois grupos e dispostos em relação à direcção do vento alíseo do Nordeste: ao Norte, o grupo do Barlavento, formado pelas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia (desabitada), S. Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus desabitados dos Pássaros, Branco e Raso; ao Sul, o grupo de Sotavento, que compreende as ilhas de Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus desabitados de Santa Maria, Grande, Luís Carneiro, Sapado e de Cima. A superfície total do arquipélago é de 4 033 km². A ilha maior e mais povoada é Santiago, com uma superfície de 930 Km² e a menor, das habitadas, é a Brava, com 64 Km².

Localizado em pleno Atlântico, próximo da África e na encruzilhada da Europa e da América, desde cedo a posição geográfica de Cabo Verde e a sua importância geo-estratégica influenciaram as condições do seu povoamento e da sua vida económica, social e cultural.

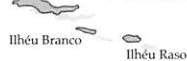
De origem vulcânica, dividem a sua topografia dois grupos distintos de ilhas: as planas, situadas a Este e rodeadas por extensas praias (Sal, Boa Vista e Maio); as de relevo acidentado, sendo as mais montanhosas Santo Antão, São Nicolau, Fogo e Santiago. O Pico da ilha do Fogo, onde se localiza um vulcão em actividade, constitui o ponto mais elevado de todo o arquipélago de Cabo Verde com 2 829 metros de altitude.

Sto. Antão



S. Vicente

Sta. Luzia



S. Nicolau



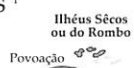
Sal



Boa Vista

As ilhas estão normalmente sujeitas a frequentes tremores de terra. Estes, mais do que o resultado de efeitos vulcânicos, são a consequência de modificações tectónicas e de levantamentos do Arquipélago, ainda em curso, e de que são prova os terraços costeiros que, em algumas zonas das encostas, atingem níveis próximos dos 200 metros. Situam-se, igualmente, a grande altitude, camadas sedimentares¹

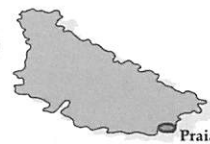
Brava



V. S. Filipe



S. Tiago



Maio



0 30 Km



de origem marítima que, por ocasião das cheias, se deslocam invadindo e destruindo os solos.

Cabo Verde encontra-se integrado numa faixa de climas de tipo árido e semiárido, sendo o seu clima sujeito às influências da «região de Sahel» e marcado por períodos de longas secas. Com efeito, o clima está condicionado por três grandes correntes de ventos: os ventos alíseos do Nordeste (húmidos e frescos); os ventos do Este ou Lestada (quentes e secos); e a frente intertropical (quente e húmida), responsável pelas chuvas do verão e com características irregulares na sua passagem.

Distinguem-se duas estações climáticas: a das brisas, estação mais fresca (Dezembro a Abril) em que os alíseos sopram com uma maior intensidade e a temperatura média oscila entre os 18 e 21 graus; a mais quente (Maio-Setembro) com temperaturas médias entre 27 e 31 graus.

A época das chuvas abrange os meses de Agosto a Outubro e depende da influência da frente intertropical que quando atinge o arquipélago pode por vezes ocasionar níveis bastante elevados de pluviosidade e até eventuais inundações.

A irregularidade do clima tem sido uma constante em toda a história de Cabo Verde. A demonstrá-lo, a existência de períodos de grandes secas, ao longo dos séculos, alternando, por vezes, com períodos de grandes precipitações, muitas delas catastróficas e prejudiciais ao desenvolvimento de Cabo Verde.

2. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE CABO VERDE

As ilhas de Cabo Verde, cujo nome tem origem num cabo localizado na costa do Senegal, próximo do Arquipélago, com a mesma designação, terão sido «descobertas» por navegadores que aí aportaram, não sendo claro ainda quem efectivamente as localizou pela primeira vez. Há autores que citam o caso do venesiano Cadamosto, enquanto outros se inclinam para o português Diogo Gomes e o genovês António de Noli (1460). Não obstante a polémica criada em torno de quem «descobriu» cada uma das ilhas, é quase certo que estas se encontravam desabitadas. Admite-se que a primeira ilha avistada tivesse sido Santiago e que os nomes atribuídos a cada uma delas tenham correspondido, aquando do seu achamento, ao dia dedicado no calendário cristão ao respectivo santo. O povoamento, efectivado com a chegada dos portugueses, processou-se na base de colonos metropolitanos, inicialmente do Algarve e da Madeira e, mais tarde, do Norte do País, e um certo número de estrangeiros. Juntaram-se-lhes, em seguida, os escravos vindos da Guiné, do Senegal, os Bantos, os Sudaneses e outros.

Perante a hipótese colocada por alguns investigadores de uma anterior ocupação humana, muito embora não se tenha encontrado vestígios culturais ou quaisquer outras manifestações que atestem a presença humana anterior à chegada dos portugueses, nada permite concluir que a uma ou a outra ilha não tivessem ido, por motivos ainda não esclarecidos, povos africanos da orla marítima próxima (Carreira, 1983; França, 1992).

Desde o início, o povoamento das ilhas de Cabo Verde foi progressivo, parecendo não obedecer a um plano sistemático de ocupação por parte do Estado português, desintegrado de uma política de ocupação e presença efectivas de Portugal num contexto de expansão e domínio coloniais com objectivos bem definidos: a colonização de territórios em África e na Ásia, assim como na América, mais propriamente o Brasil. Cabo Verde apresentou-se, desde sempre, como um caso à parte em relação às outras colónias portuguesas, decorrente, quer de factores estruturais (condições geológicas e climatéricas), quer de factores conjunturais (condições demográficas, políticas e económicas).

Os aspectos político-económicos encontravam-se intimamente relacionados com a própria conjuntura vivida no Continente e com a política colonial então seguida. De salientar alguns problemas endémicos da sociedade cabo-verdiana, com consequências graves para as populações: a) uma economia bastante frágil; b) um elevado crescimento demográfico; e, por último, c) secas frequentes e prolongadas, com consequências desastrosas para as populações.

A colonização portuguesa em Cabo Verde caracterizou-se, desde cedo, fundamentalmente pelo seu carácter normativo: pensava-se que para ser considerado «português de lei» bastaria ao autóctone aceitar um conjunto de normas e de códigos institucionalizados. A própria política de «assimilação» do colonialismo português, como aliás o próprio processo de evangelização, estavam imbuídos de aspectos puramente normativos (Lima, Mesquitela, 1981).

Apenas nos anos 30 do século XX, com a publicação da Constituição Política (1933) e da *Carta Orgânica do Império Colonial Português*, Portugal parece ter imprimido um novo rumo à sua acção colonizadora nos territórios ditos «ultramarinos» (segundo expressão da época). Cabo Verde não poderia deixar de sofrer os efeitos dessa viragem na política colonial, não obstante estes terem vindo a revelar-se apenas como medidas paliativas (de que são exemplo, na década de 60, a abertura de estradas e o emprego de cerca de 41 000 trabalhadores por conta do Estado), porque os problemas de base se mantinham e a solução parecia ser sempre a mesma: a emigração.

Emigração essa já com raízes seculares e que continuará a manter-se após a independência de Cabo Verde em 5 de Julho de 1975.

2.1. Período Colonial

Sob administração portuguesa, o arquipélago é dividido em «capitanias» sendo progressivamente povoado por alguns emigrantes brancos metropolitanos e sobretudo por escravos.

O afastamento das ilhas de Cabo Verde em relação a Portugal, o seu clima e a qualidade dos solos impediram qualquer tipo de agricultura comparável à que havia sido introduzida na Madeira, por exemplo. Cabo Verde servia sobretudo como entreposto ao tráfego de escravos realizado pelas várias potências coloniais ao longo de séculos.

Santiago foi a primeira ilha a ser habitada, seguindo-se-lhe o Fogo. Passados cerca de quarenta anos após o descobrimento, apenas havia gente nestas duas ilhas. A ocupação das restantes era precedida pelo lançamento do gado caprino, que em liberdade se reproduzia rapidamente.

Por volta de 1490 são enviados pastores para as ilhas da Boa Vista e Maio. Esse povoamento revelou-se bastante incipiente, uma vez que se limitou à criação de gado e à cultura de algodão por parte de alguns escravos. A colonização prosseguiu com o povoamento das ilhas da Brava e de Santo Antão.

A escassez de colonos europeus determinou a necessidade de se importarem escravos da «Costa da Guiné», para trabalharem não só nas ilhas povoadas, em primeiro lugar, como também nas restantes. Nas ilhas ainda não permanentemente povoadas, onde havia apenas cabras e algum gado bovino, passaram a residir alguns escravos cuja função era a de cuidar dos animais e das culturas que se iam experimentando. De tempos a tempos as mesmas eram visitadas por funcionários dos «capitães-donatários» com o fim de inspecionarem o abate dos animais.

Ainda nos finais do século XVI, no grupo de Barlavento, havia uma população muito reduzida numa ou noutra ilha. O lançamento de gado e a sua reprodução em praticamente quase todas as ilhas permitia aos «pastores-batedores» organizarem regularmente grandes «matanças» com o objectivo de retirarem peles e sebo, assim como prepararem carnes salgadas. Estes produtos destinavam-se tanto às populações das ilhas como, igualmente, eram negociados entre os navegantes que chegavam aos portos do arquipélago para obter produtos frescos.

Nos séculos XVI e XVII foram povoadas S. Nicolau, Boa Vista, Brava, Maio e Santo Antão onde, a par dos elementos populacionais já mencionados, se lhes juntaram ainda mestiços nascidos no arquipélago e/ou escravos libertos das outras ilhas. As ilhas de S. Vicente e Sal só foram povoadas nos séculos XVIII e XIX, respectivamente.

Começaram então a surgir agregados populacionais de origens diferentes, formados a partir da fixação dos primeiros colonos, de preferência no litoral e nas embocaduras, aonde afluíam comerciantes para abastecer os navios.

Local de paragem das principais rotas marítimas da época, as ilhas de Cabo Verde tornaram-se essenciais às empresas ultramarinas, uma vez que a maior parte dos navios vindos do Golfo da Guiné, Angola, Índia, Brasil e Índias Ocidentais, ou vice-versa, paravam em Santiago para serem abastecidos de água e de mantimentos, para repouso da tripulação, reparação da frota e até receber pessoal para substituição dos marinheiros perdidos nas longas viagens.

Ribeira Grande, situada em Santiago, a primeira cidade europeia nos trópicos, ganha prestígio e atinge o seu apogeu no século XVI. Na época, capital de Cabo Verde e porto de escala muito frequentado, torna-se infelizmente alvo dos ataques de piratas e corsários holandeses, ingleses e franceses, que põem fim à sua prosperidade. Em 1712, Ribeira Grande é abandonada, tornando-se a cidade da Praia a capital de Cabo Verde.

Nesta época os contactos que Portugal mantém com Cabo-Verde são reduzidos. Ocasionalmente, o arquipélago é confiado a companhias comerciais (caso da Companhia de Grão Pará e Maranhão, entre outras) que aí obtêm o monopólio do tráfego de escravos guineenses integrado no sistema português. Esta fraca ligação entre o Continente e as Ilhas manter-se-á até à efectiva abolição do tráfego negreiro transatlântico e a separação administrativa da Guiné (1879). Contudo, a conquista da Guiné foi, em parte, realizada com o apoio de soldados e funcionários cabo-verdianos em 1915 e mesmo mais tarde.

Durante todo o século XIX, Cabo Verde sofreu numerosos períodos de seca, sendo os mais terríveis os de 1831-1833 (perto de 30 000 mortes) e os de 1864-1866. Também no século XX a seca marcou a vida nas ilhas: 1902-1904 (12 000 mortes), 1920-1923, 1941-1942 e 1946-1948 foram períodos igualmente difíceis para as populações (Carreira, 1977; 1983).

Nesse contexto de crise económica e demográfica, alternando com aumentos significativos das taxas de natalidade, aumenta o número de emigrantes, os quais procuram uma saída para os graves problemas da sociedade cabo-verdiana.

A política portuguesa não traçou quaisquer alternativas para fazer face aos problemas locais. A mesma estratégia política, ao reduzir os investimentos públicos ao máximo, à excepção do sector das comunicações, veio encontrar no Arquipélago um ponto de apoio, através da reserva de mão-de-obra para as outras colónias, caso da Guiné, São Tomé e Angola, e uma fonte de rendimento suplementar com as remessas dos emigrantes.

Tendo como base uma ideologia de índole colonialista que incutia entre os povos colonizados a ideia de que estes faziam parte de uma Nação una, sem discriminações, a mesma política tentou afastar o povo cabo-verdiano das convulsões e dos movimentos independentistas que assolaram a África portuguesa entre 1961 e 1974. Contudo, os cabo-verdianos residentes na Guiné organizam-se e sob a liderança de Amílcar Cabral é criado o Partido Africano de Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.), que reclamava a independência conjunta dos dois povos com a formação de duas repúblicas.

2.2. A República de Cabo Verde

Após 5 de Julho de 1975, data da independência de Cabo Verde, o novo país vive um período inicial de indefinição política em que questões ligadas à autonomia relativamente à Guiné-

-Bissau são uma constante. Se, inicialmente, na intenção do P.A.I.G.C. era virtual a ideia da criação de duas repúblicas autónomas federadas entre si, foram de facto necessários vários anos até que a ideia se tornasse uma realidade.

Em 1980, os projectos de unificação com a Guiné-Bissau são postos de lado, resultando em 1981 a alteração da designação do partido para Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV). Em 1990, Cabo Verde torna-se um Estado pluripartidário e realizam-se a 13 de Janeiro de 1991 eleições legislativas. Nelas, as primeiras da África Lusófona, participaram diversos partidos, saindo vencedor o Movimento para a Democracia (MPD).

Consciente da precariedade da sua economia, o novo Estado procurou subsistir através do estabelecimento de relações de ajuda e cooperação económica internacional com diversos países ocidentais (nomeadamente Portugal, os Estados Unidos, a Holanda, os Países Escandinavos, entre outros), a par da criação de medidas de combate ao subdesenvolvimento.

Com o advento da democracia pluripartidária, Cabo Verde enfrenta os desafios da implantação de um novo modelo de organização económica que consiste na criação e desenvolvimento de uma base produtiva sólida, fortalecida pelo sector privado, susceptível de garantir o posicionamento do país no mercado internacional e de assegurar as bases para um desenvolvimento auto-sustentado e a melhoria da qualidade de vida das populações.

3. ESTRUTURAS SOCIODEMOGRÁFICAS

3.1. Evolução da População

Como foi referido anteriormente, o povoamento das ilhas de Cabo Verde iniciou-se com a presença de colonos europeus (em número limitado) e escravos africanos. Nos primórdios desse povoamento, o número de mulheres brancas era muito restrito e por essa razão as relações entre os colonos europeus e as escravas africanas deram origem ao aparecimento de mestiços, resultante naturalmente do cruzamento das duas raças.

Este processo de miscigenação não foi realizado a um ritmo idêntico em todo o Arquipélago havendo ilhas onde o cruzamento de grupos étnicos foi mais intenso. Esse cruzamento inicial, tão variado, deu origem a toda uma diversidade de usos e costumes e até de tipos físicos em cada ilha. A fusão operou-se assim ao acaso das possibilidades e das circunstâncias, dando lugar a combinações étnicas diversificadas, com uma composição que vai do negro ao branco, marcada pela ausência do que poderia chamar-se uma unidade biológica cabo-verdiana.

Em resumo e dado que a formação da sociedade cabo-verdiana se tenha processado de acordo com os costumes da época (senhores e escravos) e através do encontro entre duas culturas (Europa e África), ocorreu que daí tenha resultado o aparecimento de um povo com características próprias e com uma cultura autodiferenciada e distinta das que lhe serviram de suporte, nomeadamente as europeias e africanas (França, 1992).

A mestiçagem constitui um elemento fundamental em todo o processo de formação da sociedade de Cabo Verde a par de condicionalismos vários que facilitaram a interpenetração sócio-cultural e a formação das bases da «cabo-verdianidade».

Segundo dados estatísticos mais recentes, a população cabo-verdiana é composta por 71% de mestiços, 28% de negros e 1% de brancos. Em termos demográficos¹ encontra-se distribuída do seguinte modo: (Quadro 1).

Em termos percentuais e tendo em conta o sexo e os níveis etários, a população distribuiu-se nos seguintes termos²: (Quadro 2).

O crescimento populacional é elevado, situando-se nos 3% / ano. A população de Cabo Verde caracteriza-se, assim, pela sua juventude. Não se verificam diferenças significativas entre o número de homens e de mulheres nos vários grupos etários e a população em idade activa não atinge um número muito elevado, quando comparado com países onde o nível de desenvolvimento é maior. Em relação ao último aspecto referido, baixa percentagem de população activa, a emigração para vários países constitui uma das explicações para o facto.

Quadro 1 - Evolução da População em Cabo Verde

ANOS	N.º DE HABITANTES
1980	295 000
1990	361 510
1991	387 000
1992	399 000
1995	409 483
2000	505 000 (estimativa)

¹ Fontes: Direcção Geral de Estatística da República de Cabo Verde; Unité de Population et des Ressources Humaines/DGP/CV 96.

² Elaboração, a partir da fonte: Unité de Population et des Ressources Humaines / /DGP/CV 96.

Quadro 2 - Repartição percentual da população em Cabo Verde, por sexo e idade

Homem (0 - 9 anos)	16,2 %
Mulher (0 - 9 anos)	16,1 %
Homem (10 - 19 anos)	12,0 %
Mulher (10 - 19 anos)	11,9 %
Homem (20 - 29 anos)	8,2 %
Mulher (20 - 29 anos)	8,4 %
Homem (30 - 39 anos)	4,9 %
Mulher (30 - 39 anos)	6,0 %
Homem (40 - 49 anos)	1,6 %
Mulher (40 - 49 anos)	2,9 %
Homem (50 - 59 anos)	1,4 %
Mulher (50 - 59 anos)	2,6 %
Homem (60 - 69 anos)	1,8 %
Mulher (60 - 69 anos)	2,5 %
Homem (+ 70 anos)	1,5 %
Mulher (+ 70 anos)	2,0 %

3.2. Organização Social: Família, Grupos e Classes Sociais

Para a compreensão dos elementos constitutivos da actual sociedade cabo-verdiana (formação das classes sociais, constituição dos grupos, organização das famílias), torna-se necessário traçar a sua evolução ao longo dos séculos.

Inicialmente, uma sociedade escravagista - composta por dois grandes grupos sociais, senhores e escravos - foi-se transformando ao longo dos tempos com a alteração da sua estrutura interna. Uma evolução que resulta de transformações verificadas a vários níveis: na distribuição e divisão da propriedade rural; na divisão do trabalho; na distribuição dos vários grupos étnicos que foram compondo a sociedade cabo-verdiana; no acesso à chamada «cultura escrita» por parte de alguns sectores da população; ainda por elementos externos (decorrentes essencialmente do fenómeno migratório) que imprimiram uma nova dinâmica

económica, política e cultural.

Segundo Carreira (1977), numa primeira fase da ocupação das ilhas existiam apenas dois grupos bem demarcados:

- a) o grupo dos senhores - europeus de diferentes nacionalidades (portugueses, genoveses, sevilhanos e outros) - era constituído quer por nobres (em número limitado), quer por plebeus, homens de ofícios e degredados (igualmente em número bastante reduzido). Havia também os «brancos da terra», representados pelo mestiço, produto do cruzamento do homem branco com a mulher negra (escrava ou livre);
- b) o grupo dos escravos, que constituía a grande maioria.

Da convergência dos factores apontados foi-se esboçando a formação de um grupo intermédio entre o «senhor» e o «escravo» que, com um estatuto social mal definido, constituiu o embrião da pequena burguesia que veio a surgir mais tarde.

As suas origens partem de antigos escravos que conseguem a libertação. Com efeito, com o evoluir da sociedade, alguns deles conseguem fugir para o interior das ilhas, fixando-se em locais de difícil acesso; outros obtêm a sua liberdade através da concessão de alforrias pelo seu bom comportamento ou pela prestação de bons serviços; e, por último, o caso dos «escravinhos» (no geral filhos dos «senhores» ou de seus filhos, sobrinhos, netos ou parentes, havidos de suas escravas ou de escravas alheias). Processo este acelerado ainda com o surto migratório - iniciado com a pesca da baleia por navios americanos no final do século XVII ou primeiros anos do XVIII - e sobretudo após a proibição, pelos tratados internacionais, da entrada de novos escravos nas ilhas.

Os proprietários rurais, devido à falta de escravos e de trabalhadores livres, viram-se forçados a dividir as suas fazendas em pequenas parcelas, arrendando-as aos escravos libertos.

Os rendeiros, provenientes das camadas mais desprotegidas, ao tomarem consciência da força e da importância social que representava o seu grupo, revoltaram-se várias vezes contra os grandes proprietários de terras, obrigando-os a rever os termos dos contratos de arrendamento.

Por sua vez, os emigrantes regressados principalmente dos Estados Unidos da América e de outros países vão progressivamente tomando consciência do seu papel na sociedade de Cabo Verde, embora sem ainda perceber que a classe por eles representada se definia em oposição à burguesia rural e mercantil.

Apesar de, nas origens, o elemento branco constituir o estrato social superior da sociedade cabo-verdiana, ocorre que, devido à miscegenação e outros fenómenos sociais, a designação de «branco» (conotada com o poder económico, social e político) deixou de corresponder à designação de «raça» e passou a ser aplicada a um indivíduo que é «rico», ou que é «instruído», independentemente da cor da sua pele, dado que a evolução social tendeu a alhear-se de factores de ordem étnica.

No final do século XVIII e princípios do século XIX a sociedade cabo-verdiana encontra-se, segundo Carreira (1977), estruturada do seguinte modo:

- a) um grupo constituído por muitos «brancos da terra» (sargentos, capitães-mor, padres, morgados) e um ou outro mestiço ou negro que, por circunstâncias várias, ascenderam socialmente. Este grupo detinha as melhores terras e controlava todo o sistema económico insular assente nos bens patrimoniais e em todo um conjunto de privilégios decorrentes da posse da terra;
- b) um grupo formado por sesmeiros e/ou seus descendentes; por rendeiros e parceiros dos proprietários de terras; por profissionais de ofícios; por pequenos negociantes do interior e pelo povo em geral;
- c) por último, o grupo dos escravos, cujo número foi diminuindo até à sua completa extinção.

O fenómeno porventura mais importante na evolução da sociedade de Cabo Verde foi a abolição da escravatura. Este acontecimento produziu um impacto enorme sobre as estruturas produtivas em que assentava a sociedade. Os antigos senhores não estavam preparados para enfrentar a mudança do sistema. Tal facto produziu um enorme desequilíbrio económico e social cujos efeitos, apesar de enfraquecidos, ainda se faziam sentir há poucas décadas atrás.

Actualmente, a estrutura social de Cabo Verde reproduz, em parte, a do período que antecedeu a independência. Isto pode explicar-se, nomeadamente, pelo verificado afastamento das Ilhas em relação ao Continente durante o período colonial e o fraco investimento realizado em quase todos os sectores. Cabo Verde tem, assim, conseguido manter uma certa continuidade, não parecendo sofrer os traumas de uma colonização secular dado que nesse contexto sempre se revelou um caso à parte. Daí, ter constituído uma cultura própria, integrando elementos de outras culturas, é certo, mas mantendo-se quase afastado do que habitualmente era imposto por Lisboa aos outros territórios colonizados.

Destaca-se contudo na sociedade cabo-verdiana a existência de novos elementos que enformam a sociedade actual:

- a) o nascimento de uma classe dirigente, que resulta da vontade popular;
- b) o aparecimento de uma elite cultural, resultante dos contactos estabelecidos com outros países, muitas vezes através do envio de estudantes para estabelecimentos do ensino médio e superior que acabam por regressar ao território de origem;
- c) a formação e expansão de uma nova «classe média», extensiva também a antigos emigrantes bem sucedidos que voltaram às ilhas.

4. ESTRUTURAS ECONÓMICAS

Tal como já salientámos, a economia de Cabo Verde é débil, decorrente de um fraco desenvolvimento das suas estruturas produtivas e possui uma população activa em número reduzido e uma tradição secular de emigração, como saída para essa crise económica. Também, como já referido, as próprias condições geo-climáticas do Arquipélago têm impedido o seu desenvolvimento económico e, em termos demográficos, as ilhas têm sido marcadas por verdadeiros ciclos de recessão e explosão populacionais.

Figurando entre os países mais pobres do mundo, Cabo Verde apresenta um Produto Interno Bruto que consegue contribuir somente com cerca de 60% para as despesas nacionais. O restante valor é assegurado pela ajuda internacional e pelas remessas dos emigrantes que o Estado gostaria que fossem aplicadas em investimentos locais. Os valores do défice comercial e da Procura Interna obrigam à aplicação de políticas rigorosas, por forma a manter a confiança das instituições internacionais no que respeita à continuação dos apoios financeiros externos necessários ao desenvolvimento do país. Nestas condições, poderá afirmar-se que a verdadeira riqueza do País é a sua população, estimada em cerca de 409 483 habitantes, segundo dados de 1995.

Para aprofundar o conhecimento da realidade económica das ilhas de Cabo Verde, importa agora proceder a uma análise mais detalhada da sua situação económica.

4.1. Agricultura

Apesar da irregularidade das chuvas e dos períodos cíclicos de seca, a actividade agrícola ocupa cerca de 55% da população activa. Trata-se de uma agricultura de subsistência, praticada segundo processos artesanais e à mercê das contingências climáticas, mormente da escassez da chuva. A política governamental nesse sector tem sido orientada para a expansão da área irrigada. O recurso a formas múltiplas de retenção das águas pluviais, o incremento da procura de água no subsolo e a construção de diques, são exemplos do gigantesco esforço de investimento para o fornecimento e captação de água para fins agrícolas. No domínio da conservação dos solos e águas, a florestação iniciada em 1978 tem sido objecto de medidas de apoio baseadas em programas de cooperação internacional. De forma a minimizar os efeitos da erosão, 16% da área total de Cabo Verde foi beneficiada com a plantação de milhões de árvores apropriadamente distribuídas. A superfície cultivável atinge cerca de 1/4 da área total do país (103 300 hectares); 58% dessa área é utilizada em culturas de sequeiro; 37,6% em pastagens e 1,8% em culturas irrigadas; os restantes 2,6% são ocupados por florestas.

Os produtos mais cultivados são o milho (base da alimentação), a mandioca, a batata doce, a cana de açúcar e a banana.

A produção local cobre apenas 10% das necessidades de consumo, sendo necessário importar os restantes 90%. Compreende-se assim que a ajuda alimentar, realizada a nível internacional, constitua um apoio indispensável à sobrevivência das populações.

4.2. Pecuária

A produção e o desenvolvimento da criação de gado em Cabo Verde sofrem também os efeitos da seca e constituem uma actividade complementar à agricultura. Com o objectivo de minorar os efeitos da seca, o governo tem apoiado a importação de forragens. A criação de gado é praticada nos moldes tradicionais de pastoreio.

4.3. Pesca

Cabo Verde possui abundantes recursos de peixe e mariscos concentrados numa Zona Económica Exclusiva que cobre mais de 700 000 Km². O peixe e a lagosta representam mais de 2/3 das exportações. A pesca poderia ser uma potencial fonte de rendimento dada a extensão da costa marítima e a riqueza e a diversidade dos seus bancos pesqueiros. Não obstante estas características, o nível de capturas permanece relativamente baixo e é condicionado pelo fraco nível tecnológico do material utilizado e pela necessidade de formação e reconversão profissionais dos pescadores.

O desenvolvimento da pesca industrial tem-se afirmado como outro dos objectivos essenciais que tem orientado a política do sector. O porto do Mindelo e o seu estaleiro naval funcionam como infra-estruturas de apoio à pesca oceânica. Cerca de mil toneladas de atum são transformadas em conservas nas fábricas existentes em Boa Vista, Santiago, Sal e S. Nicolau. A conservação do pescado é feita nas instalações frigoríficas existentes nas ilhas de S. Vicente e Sal com a utilização apenas de 20% da respectiva capacidade total de armazenagem.

Com o fim de dar satisfação aos objectivos fundamentais que o sector da pesca procura atingir, estão em estudo, para o efeito, várias medidas, tais como o aumento da frota pesqueira nacional, a modernização das fábricas de conserva e uma melhor organização dos pescadores artesanais.

4.4. Indústria

Nos primeiros anos do Séc. XX, Cabo Verde possuía apenas algumas estruturas artesanais ou semi-industriais: pequenas fábricas de açúcar, de aguardente, têxteis (panos e mantas) e exportava alguns produtos como a urzela, a purgueira, o algodão, os curtumes e, mais tarde, o sal e o café. Modernamente, o sector industrial, ainda não alargado a todas as ilhas, resulta essencialmente da transformação ao nível da construção naval, construção civil, metalomecânica, carpintaria e mobiliário, cerâmica e cimento, tintas e vernizes, conservas de peixe, bebidas e produtos farmacêuticos. Trata-se de um sector que ocupa ainda uma posição limitada na economia do país, cuja actividade depende fortemente dos fornecimentos obtidos do exterior e que da respectiva produção só é exportada uma parte ainda reduzida. A transformação ao nível do calçado e das confecções conta com um número crescente de empresas francas que se vão instalando com o objectivo da produção para a exportação.

O tecido industrial é largamente constituído por unidades de pequena e média dimensão, sendo a maior parte empresas privadas localizadas preferentemente nas cidades da Praia e do Mindelo.

Num esforço de reorientação da estratégia de desenvolvimento desse sector, são concedidos fortes incentivos ao investimento privado nacional e estrangeiro que tem vindo a ser orientado para a redução das importações e para a promoção das exportações. Para alcançar esse objectivo tem sido reforçado e melhorado o funcionamento das infra-estruturas de suporte, como é o caso da zona industrial da Praia. O lançamento de acções intensivas de formação profissional constitui um aspecto importante da mesma política.

A indústria extractiva em Cabo Verde dispõe de recursos importantes ao nível da produção de sal, na Ilha do Sal e Maio; da produção da pozolana, na ilha de Santo Antão, que misturada com o cimento pode ser utilizada em obras hidráulicas, da produção da pedra e do gesso na Ilha do Maio. As ilhas de Sal, Boavista e S. Vicente possuem jazigos de caulino, de basalto e de argila.

Existe também um sector artesanal informal constituído pelo grupo económico dos artífices, bastante heterogéneo e diversificado. A tecelagem, a confecção de chapéus, cestas, esteiras, cerâmica, farinha de mandioca, aguardente, mel e açúcar são produtos susceptíveis de comercialização, dada a sua produção excedentária. No entanto, dificuldades relacionadas com o escoamento destes produtos ainda se fazem sentir.

5. ESTRUTURAS CULTURAIS

A cultura do povo cabo-verdiano reflecte, mais uma vez, a fusão de duas influências, a europeia e a africana, amalgamadas ao longo de cinco séculos de história. Tornam-se disso exemplo as diversas manifestações da sua cultura.

5.1. Língua

O português constitui a língua oficial de Cabo Verde. Contudo, é o «crioulo» (língua materna, criação cabo-verdiana), a forma de expressão oral da população do arquipélago. A razão fundamental do crioulo é a sua própria natureza, a de se encontrar arreigada à alma do cabo-verdiano e fazer parte do património e da riqueza espiritual de um povo (Ferreira Manuel, 1967).

Na fase inicial do povoamento, o colonizador não conseguiu impor a sua língua no relacionamento com o escravo. A actual língua cabo-verdiana advém de processos de aproximação de ambas as línguas e de aperfeiçoamento das versões utilizadas em comum. O crioulo, usado por todas as camadas sociais, foi contudo por vezes combatido e contrariado. A pouco e pouco logrou acrescentar à sua independência social a sua independência literária. A partir do último quartel do século passado duas línguas distintas, o português e o crioulo, passaram a servir o escritor cabo-verdiano.

A assunção formal do bilinguismo do cabo-verdiano foi muito recentemente decidida pela Assembleia Nacional de Cabo Verde.

5.2. Literatura

É Cabo Verde o país lusófono onde primeiro floresceu uma literatura de raiz autóctone, fruto do trabalho de uma elite que vinha defendendo a necessidade do reencontro com a terra e a gente. A ilha de S. Nicolau, durante mais de duzentos anos sede da diocese de Cabo Verde, ocupou um lugar destacado no processo de desenvolvimento cultural de Cabo Verde, muito em especial através do seu Seminário-Liceu, em actividade desde 1866 até 1917.

O movimento literário mais importante foi iniciado em 1936 em torno da revista *Claridade* (1936-1960)³ e teve como representantes escritores e intelectuais como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Félix Monteiro, António Aurélio Gonçalves, Gabriel Mariano, Jaime de Figueiredo, Henrique Teixeira de Sousa, Arnaldo França, entre outros.

À volta dos elementos do grupo claridoso bem como de outros que posteriormente vieram a formar a *Certeza* (1944), o *Boletim Cabo Verde* e o seu *Suplemento Cultural* (1958), desenvolveu-se um amplo movimento cultural de grande repercussão, que transpôs os limites do Arquipélago.

³ A situação cronológica dos números publicados da revista *Claridade* é a seguinte: em 1936-37 foram publicados três números; em 1947-49, os números 4, 5, 6 e 7; em 1958-60, os números 8 e 9.

No campo da poesia destacam-se, de outros, os nomes de Jorge Barbosa, Aguinaldo da Fonseca, Osvaldo Alcântara (pseudónimo de Baltasar Lopes), Ovídio Martins, Gabriel Mariano, Teobaldo Virgínio, Corsino Fortes, Osvaldo Osório.

A literatura oral cabo-verdiana é rica e variada e está embebida nos gestos e hábitos das populações de Cabo Verde. Os elementos de base de muitas das «estórias» são originários de contos da Guiné e de Portugal, elementos presentes na formação das ilhas. Os animais que entram na contenda são o chibinho, a galinha, o bezerro, o corvo, a passadinha, a garça, a coruja, a baleia, o gato, o coelho, o cavalo, constituintes da fauna de Cabo Verde, e outra bicharada que nelas se movimentava mas que nunca habitou o Arquipélago: o lobo, a ganga, o peixe-cavalo e o elefante. As histórias estão ainda recheadas de outras figuras: príncipes, princesas, reis e anjos como o Lúcifer.

A literatura oral caracterizada pelo seu conteúdo simbólico compreende uma variedade tão grande de «estórias» que para uma maior facilidade da sua arrumação foram agrupadas em ciclos. São conhecidos os ciclos do *Ti Lobo*, do *Chibinho* e da *Ti Ganga*, as «estórias» em que entram a *Mã Pêxe Cabalo* (personagem feminina), a *Sirena* (Sereia), *Bulimundo* (força hercúlea) e do *Boi Dourado* e muitas outras de cujo fundo sobressaem sentimentos familiares e crenças mágico-religiosas com mensagens didáticas e moralizantes.

Destes contos tradicionais sobressai a capacidade *sui generis* de uma sociedade que foi capaz de se apropriar de elementos estranhos a ela própria, nomeadamente da Guiné e da Metrópole, de os transformar numa óptica de reelaboração, ao mesmo tempo que lhes empresta um cunho e uma significação genuínos. O ciclo de *O Lobo e o Chibinho* constitui exemplo da construção de representações que emergem da sensibilidade cabo-verdiana, permeável às manifestações artísticas e que se solidariza com o sofrimento humano (Ferreira, 1967; Lopes Filho, 1981).

De base essencialmente portuguesa é igualmente uma boa parte da tradição oral cabo-verdiana, no que respeita à celebração do Natal, do Ano-Bom e de Reis, bem como os festejos realizados por ocasião dos Santos populares.

5.3. Música e Dança

A música e a dança acompanham toda a actividade social cabo-verdiana, desempenhando um papel de relevo nas suas mais diversas manifestações. Tendo em conta o processo de formação da sociedade perdem-se no tempo as raízes da sua música e dança tradicionais. Na origem estão elementos de várias proveniências, que vão desde as «lamentações árabes», aos ritmos africanos e à música de origem europeia (Lopes Filho, 1981).

A *morna*, criação musical entendida como o expoente máximo da sensibilidade de um povo, canta, através de vozes individuais, a *sôdade*, a partida para a *terra-longe*, a ternura, a *morabeza*⁴, as virtudes, os dramas, a solidão e o quanto é expressão de sentimentos colectivos no Arquipélago.

Do seu riquíssimo repositório destaca-se, de entre outros, a conhecida poesia de Eugénio Tavares, a de B. Leza (*lido Bêléza*), compositores e poetas que deram à canção o melhor do seu talento e conferiram à morna uma poesia de inegável originalidade.

Das várias formas de expressão musical, salientamos: a *coladêra* e o *funaná*, traduzindo o humor, a sensualidade e a alegria; a *tabanca*, da ilha de Santiago, executada, em ritmo repetitivo, por mulheres, utilizando tambores, búzios, cornetas, panos; o *pilão* da ilha do Fogo; o

⁴ A riqueza e complexidade do sentido de morabeza, expressão crioula, impedem a sua completa definição. Entre os sentimentos que procura traduzir, tomam particular realce a «amoralidade», a «hospitalidade», a «capacidade de bem receber», a «solidariedade».

finaçom, de origem essencialmente africana; o *Colá S. Jon*, utilizando tambores que se percutem até à exaustão por ocasião da festa de S. João (24 de Junho); a *mazurca*, anteriormente dançada nos salões da Europa, bem como a valsa, a contradança e outras, até às formas modernas de expressão musical que sofreram as mais diversas influências do exterior.

O violão, o clarinete, o cavaquinho, o violino, a rebeca, a harmónica, o acordeão, tambores e outras percussões são os instrumentos musicais mais utilizados.

5.4. Artesanato

O artesanato cabo-verdiano não apresenta um padrão uniforme, um «modelo nacional» de objectos-tipo, representativo da cultura popular cabo-verdiana. Pelo contrário, existe, sim, uma variedade de produções que expressam a relação do homem com o seu meio natural e social num dado espaço e num determinado tempo (Lopes Filho, 1981).

A cerâmica tradicional, a cestaria, o fabrico de esteiras, a cordoaria, a tecelagem, os curtumes, os objectos feitos em casca de coco constituem as actividades artesanais mais representativas da cultura tradicional deste povo. São de referir os trabalhos em tecelagem de algodão, muito apreciados e que até mereceram honras de moeda durante o Séc. XVIII (Carreira, 1983a).

5.5. Culinária

A culinária e a doçaria são duas das expressões mais características da cultura de Cabo Verde. Existe uma grande variedade de pratos regionais, tendo a maioria deles como base o milho, dado que este cereal constitui a base da alimentação. A título de exemplo, refira-se alguns desses pratos como a *cachupa*, as *papas de milho* servidas com leite, o *rolão*, o *xerém*, a *djagacida*, o *milho-em-grão*, o *milho-verde* assado, o *milho aliado*, a *camoca*, o *cuscu*, etc.

São igualmente famosos os saborosos *molhos* do Arquipélago, o *caldo-de-peixe*, o *friginato* e os queijos da Boa Vista.

Na doçaria, a que tem igualmente como base o milho, existe uma grande variedade de bolos e doces confeccionados com farinha de milho e melaço, como o *fongo*, o *fonguinho*, a *banana-de-fongo*, o *gufongo*, a *brinhola*, a *batanca*, as *filhós*, os *pastéis* e outros.

São também apreciados os doces de banana, de goiaba, de papaia, de coco, de leite, a *açucrinha* e outros.

5.6. Religião

A religião católica é dominante nas ilhas (cerca de 90% dos seus habitantes dizem professá-la). Os restantes professam outras confissões nomeadamente as Evangélicas que em Cabo Verde são representadas maioritariamente pela Igreja do Nazareno.

Nos meios rurais, vive-se e pratica-se uma religiosidade imiscuída de mitos, ritos e valores conotados com crenças animistas, onde o sobrenatural e o peso das forças da natureza se aliam às confissões referidas.

6. EMIGRAÇÃO

6.1. O Cabo-verdiano e a Emigração

Segundo França (1992), poderemos reunir nos seguintes grupos os motivos que estiveram na base dos fluxos migratórios das populações de Cabo-Verde:

- baixo nível de vida das populações;
- elevado crescimento demográfico;
- crises prolongadas e frequentes de escassez de chuvas;
- necessidade de mão de obra barata e dócil nos países em desenvolvimento;
- melhores condições de vida oferecidas aos que trabalham nesses países;
- forte memória da emigração (emigração histórica);
- influência exercida pelo emigrante de retorno no que respeita à apresentação de sinais exteriores de riqueza e à aquisição de «bens de prestígio» bem como as informações veiculadas sobre os países de destino;
- espírito de aventura comum a todos os ilhéus;
- facilidades dos meios de transporte.

A emigração cabo-verdiana tem-se orientado para diversos continentes, conforme a conjuntura interna e externa assim o tem permitido. Resulta daí que em cada época tenha havido um destino que se sobrepõe aos restantes. Deste modo, sucederam-se no tempo correntes emigratórias significativas rumo às Américas, África e Europa.

É a seguinte a distribuição da emigração por estes três Continentes: (Quadro 3).

6.2. Cabo-verdianos em Portugal

Em Portugal, apesar de os cabo-verdianos se movimentarem por conta própria, no período anterior ao 25 de Abril de 1974, as suas deslocações eram apoiadas pelas entidades governamentais, uma vez que vinham preencher o vazio então deixado pela mão de obra portuguesa que emigrara para a Europa ou que fora servir na guerra colonial em África.

Portugal tornou-se, assim, o destino preferencial de uma parte significativa dos emigrantes cabo-verdianos, não obstante a própria conjuntura nacional não favorecer este movimento

Quadro 3 - Diáspora Cabo-verdiana (estimativa)⁵

Países	n.º Emigrantes
EUA	250 000
Brasil	3 000
Argentina	2 000
América Sub total	255 000
Portugal	80 000
Holanda	15 000
Itália	10 000
França	11 000
Luxemburgo	3 000
Espanha	2 300
Suíça	1 500
Bélgica	800
Suécia	700
Alemanha (ex RFA)	600
Noruega	200
Europa Sub total	125 100
Angola	35 000
Senegal	23 000
S.Tomé e Príncipe	8 000
Guiné Bissau	2 000
Moçambique	700
Gabão	200
África Sub total	68 900
TOTAL (*)	449 000

(*) Outros países acolhem Cabo-verdianos, em grupos geralmente inferiores a 200 indivíduos: Finlândia, Islândia, Canadá, Venezuela, Uruguai, Mauritânia, Costa de Marfim, etc.

⁵ As estatísticas relativas ao número de Cabo-verdianos na diáspora são difíceis de obter com exactidão. No entanto, uma aproximação a essa realidade pode ser dada através dos dados obtidos a partir das seguintes fontes: "Publicação Emigrason", Praia, número especial, Julho 1985; "Emigration et Transferts des Capverdiens emigrés: Rapport final" /SEDES, 1989; Conferência "Cabo-verdianos e Cidades na Europa" realizada em Roterdão em Outubro de 1996.

migratório. A situação de recessão económica e os obstáculos de ordem legal que as autoridades portuguesas colocam a estes trabalhadores criam actualmente situações contraditórias. É o caso, por exemplo, do número elevado de imigrantes clandestinos que se deslocam para o País com uma autorização limitada de estadia e acabam por ficar. Com a independência de Cabo Verde a situação jurídica dos cabo-verdianos em Portugal tende a agravar-se dado que estes adquirem o estatuto de estrangeiro, não raras vezes com residência ilegal.

A comunidade cabo-verdiana constitui o maior grupo de imigrantes estrangeiros em Portugal. Confrontada com os grupos de imigrantes de outros países africanos de língua oficial portuguesa, esta comunidade apresenta características específicas decorrentes do número elevado dos seus membros, das formas precárias e marginais de trabalho, de habitação e integração social.

No período imediatamente a seguir ao 25 de Abril de 1974 e no contexto do movimento populacional proveniente das ex-colónias, verificou-se um fluxo significativo de cabo-verdianos provenientes igualmente das ex-colónias, onde exerciam as mais diversas funções administrativas. Em Portugal integraram-se predominantemente na Administração Pública, exercendo tarefas ligadas ao ensino e à saúde. Muitos deles optaram pela nacionalidade portuguesa.

Após 1976, a situação do trabalhador cabo-verdiano modifica-se radicalmente. Muitas vezes como clandestino, sem uma situação legal definida, é cada vez mais dificultada a sua inserção no mercado de trabalho. Integrando-se num sector económico em crise (construção e obras públicas) acaba por se sujeitar a formas de contratação laboral irregulares. A situação da mulher cabo-verdiana é ainda pior pela precaridade e baixa remuneração do trabalho, quer como empregada doméstica quer como vendedora ambulante.

A comunidade cabo-verdiana em Portugal está predominantemente fixada em zonas de habitação clandestinas mantendo padrões de vida e de habitação precários, sendo comum verificarem-se situações de sobrelotação das habitações e a falta de infraestruturas básicas (água, electricidade). Decorrente dessas condições torna-se inevitável uma certa marginalização social.

É ainda através da realização de festividades cíclicas, para celebrar as etapas fundamentais da vida (nascimento, casamento, baptismo e morte) que o Cabo-verdiano preserva a sua cultura de origem, embora não sem contradições. Por um lado, encontra-se inserido numa sociedade que se lhe apresenta diferente mas igualmente sedutora. Com uma integração dificultada na sociedade e cultura do país que o acolheu (mormente os filhos, que enfrentam graves problemas de inserção, os quais contribuem para o insucesso escolar), o Cabo-verdiano, não obstante ter sempre como horizonte o regresso ao país de origem, é confrontado com outros valores.

Passando a estar integrado no contexto de uma sociedade de consumo, sente a pressão dos elementos mais sedutores da sociedade em que se integra (desejo de aquisição de bens de consumo considerados socialmente prestigiantes), sem contudo poder integrá-los num verdadeiro estilo de vida. O Cabo-verdiano sente a necessidade de poupar os seus proventos para remetê-los aos familiares que ficaram e para um dia poder regressar ao seu país de origem.

Essas remessas constituem fontes importantes de rendimento para as famílias que ficaram no país de origem como também constituem, conjuntamente com as que provêm de outros destinos de emigração, elementos de grande importância no contexto da Balança de Pagamentos de Cabo Verde.

O dilema entre «querer ficar e ter de partir», simbolizado na cultura Cabo-verdiana através da *Sôdade*, é uma constante na vida do emigrante cabo-verdiano, que não consegue despegar-se da terra que o viu nascer e que vive na esperança de um dia poder voltar.

*(...) Estes mares nunca foram muros, muito menos agora. Ontem,
uniram-nos. Hoje as vedetas rápidas vão encurtar as distâncias(...)
Devagar, a reconstrução nacional avança.
Ilha a ilha. Dor a dor. Amor a amor.*

Ovídio Martins

Cabo Verde. Dez anos de Desenvolvimento, S/D.

Cape Verde



*We are those tormented by the East wind
(...) We die and are reborn every
year
to the despair of those that hamper
our journey
Stubbornly we remain standing
in defiance of the gods and of man
And the droughts no longer scare us
because we have discovered the origin of
things
(when we are able!...)*

Ovídio Martins
100 poemas, 1974

INDEX

	Página
1. LOCATION: PHYSICAL AND GEOGRAPHIC STRUCTURES	41
2. THE HISTORICAL DEVELOPMENT OF CAPE VERDE	43
2.1. Colonial Period	44
2.2. The Republic Of Cape Verde	45
3. SOCIO-DEMOGRAPHIC STRUCTURES	47
3.1. Evolution of the Population	47
3.2. Social Organisation: Family, Groups And Social Classes	48
4. ECONOMIC STRUCTURES	51
4.1. Agriculture	51
4.2. Animal Breeding	52
4.3. Fishing	52
4.4. Industry	52
5. CULTURAL STRUCTURES	55
5.1. Language	55
5.2. Literature	55
5.3. Music And Dance	56
5.4. Handicrafts	57
5.5. Cuisine	57
5.6. Religion	57
6. EMIGRATION	59
6.1. The Cape Verdian and Emigration	59
6.2. Cape Verdians in Portugal	59
BIBLIOGRAPHY	90
USEFUL INFORMATION	91
ACKNOWLEDGMENTS	92

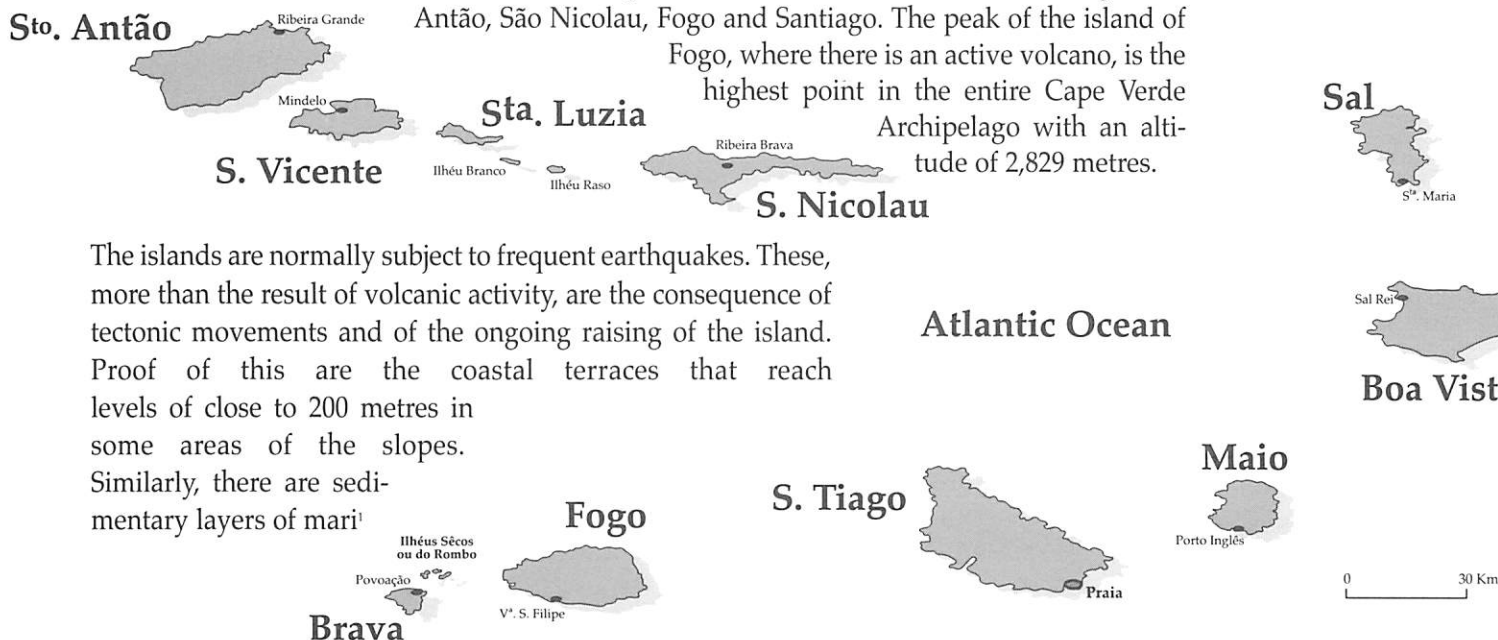
1. LOCATION: PHYSICAL AND GEOGRAPHIC STRUCTURES

The Republic of Cape Verde is an island territory located in the North Atlantic Ocean, about 500 km from the west coast of Africa. The archipelago is composed of ten islands and eight islets that are divided into two groups and arranged relative to the direction of the north-east trade winds: to the North, the windward group is made up of the islands of Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (uninhabited), São Nicolau, Sal, Boa Vista and the uninhabited islets of Pássaros, Branco and Raso; to the South, the leeward group includes the islands of Maio, Santiago, Fogo, Brava and the uninhabited islets of Santa Maria, Grande, Luís Carneiro, Sapado and Cima. The total land area of the archipelago is 4,033 km². The largest island, which also has the largest population, is Santiago with an area of 930 km². The smallest of the inhabited islands is Brava with 64 km².



Cape Verde is located in the middle of the Atlantic, near Africa and at the cross-roads of Europe and America. From early on, its geographic position and geo-strategic importance influenced the process of populating it and its economic, social and cultural life.

They are of volcanic origin and are divided into two groups by their topography: the flat islands, located in the East and surrounded by large beaches (Sal, Boa Vista and Maio); and those with an irregular relief, the most mountainous being Santo Antão, São Nicolau, Fogo and Santiago. The peak of the island of Fogo, where there is an active volcano, is the highest point in the entire Cape Verde Archipelago with an altitude of 2,829 metres.



The islands are normally subject to frequent earthquakes. These, more than the result of volcanic activity, are the consequence of tectonic movements and of the ongoing raising of the island. Proof of this are the coastal terraces that reach levels of close to 200 metres in some areas of the slopes. Similarly, there are sedimentary layers of marl

0 30 Km

time origin at great altitudes that, when there are floods, are brought down and intrude on and destroy the soil.

Cape Verde is in an arid and semiarid climate zone. Its climate is subject to the influences of the «region of Sahel» and marked by intervals of long droughts. In fact, the climate is subject to three major wind currents: the trade winds from the Northeast (cool and moist); the winds from the East or Easterlies (hot and dry) and the inter-tropical front (hot and moist), responsible for the Summer rains and irregular in its activity.

There are two climatic seasons: that of the light wind, the cooler season (December to April) in which the trade winds blow with more force and the average temperature varies between 18° and 21° C; the hotter season (May to September) with average temperatures between 27° and 31° C.

The rainy period includes the months of August to September and depends on the influence of the inter-tropical front that can sometimes result in significant levels of rain and even possible floods when it reaches the archipelago.

The irregularity of the climate has been a constant in the entire history of Cape Verde. This is shown by the periods of great droughts throughout the centuries, sometimes alternating with periods of major precipitation, many of them catastrophic and harmful to the development of Cape Verde.

2. THE HISTORICAL DEVELOPMENT OF CAPE VERDE

The Cape Verde islands took their name from the cape of the same name located on the Senegal coast near the archipelago. They were «discovered» by navigators who dropped anchor there, however, it still is not clear who located them for the first time. There are authors who indicate the Venetian Cadamosto, while others lean toward the Portuguese Diogo Gomes and the Genoese António de Noli (1460). Despite the disagreement originated around who «discovered» each one of the islands, it is almost certain that there were uninhabited. It is acknowledged that the first island sighted was Santiago and that the names given to each of the islands corresponded, at the time of their discovery, to the day dedicated on the Christian calendar to the respective saint. The populating of the islands, carried out with the arrival of the Portuguese, proceeded on the basis of colonists from continental Portugal, initially from the Algarve and Madeira and, later, from the North of the country, as well as a number of foreigners. These were later supplemented by slaves coming from Guinea, Senegal, the Bantus, the Sudanese and others.

Considering the hypothesis put forth by some investigators of an earlier human population, although cultural remnants or other evidence have not been found indicating human presence before the Portuguese occupation, nothing permits the conclusion that African people from the nearby coastline had not gone to some of the islands, for reasons that are still unclear (Carreira, 1983, França, 1992).

From the beginning, the populating of the Cape Verde islands was gradual, not appearing to follow a systematic plan of occupation by the Portuguese state and not integrated in a policy for effective occupation and presence of Portugal. This was in a context of colonial expansion and domination with well-defined objectives: the colonisation of territories in Africa and in Asia, as well as in America, more appropriately Brazil. Cape Verde has always appeared as a case distinct from the other Portuguese colonies, deriving either from structural factors (geological and climatic conditions), or fundamental factors (demographic, political and economic conditions).

The political-economic aspects were intimately related to the particular circumstance experienced on the Continent and to the colonial policy followed at the time. Some of the noteworthy endemic problems of Cape Verdian society with serious consequences for the population are: a) a very fragile economy; b) a high demographic growth; and, finally, c) frequent, extended droughts with disastrous consequences for the population.

The Portuguese colonisation in Cape Verde was basically distinguished from early on by its normative character: it was thought that in order to be considered «legally Portuguese», it would be sufficient for a native to accept an aggregate of institutionalised norms and codes. The policy of «assimilation», of Portuguese colonialism, as well as the process of evangelisation, were invested with purely normative aspects (Lima Mesquitela, 1981).

Only during the 1930's, with the publication of the *Political Constitution* (1933) and of the *Basic Charter of the Portuguese Colonial Empire*, does Portugal seem to have created a new direction for its colonising action in the territories called «overseas» (according to a term of the period). Cape Verde could not help but suffer from the effects of this turn in colonial policy, notwithstanding these having been proven to be only as mitigating measures, (examples are the opening of highways and the employment of around 41,000 workers by the Government in the 1960's) because the basic problems continued and the solution always seemed to be the same: emigration.

This emigration already had centuries-old roots and continued after the independence of Cape Verde on July 5, 1975.

2.1. Colonial Period

Under Portuguese administration the archipelago was divided into «capitanias» (administrative divisions) which were gradually populated by white emigrants from continental Portugal and particularly by slaves.

The distance of the Cape Verde islands from Portugal, its climate and the quality of the soil prevented any type of agriculture comparable to that which had been introduced in Madeira, for example. Cape Verde principally functioned as a market centre for the slave traffic carried out by the various colonial powers over the centuries.

Santiago was the first island to be inhabited, being followed by Fogo. Approximately forty years after the discovery, only these two islands had inhabitants. The occupation of the remainder was preceded by the introduction of goats which reproduced rapidly in their freedom.

Around 1490, shepherds were sent to the islands of Boa Vista and Maio. This population was seen as only a beginning step since it was limited to the raising of animals and the cultivation of cotton by some slaves. The colonisation continued with the populating of the islands of Brava and Santo Antão.

The lack of European colonists created the need for importing slaves from the «Guinea Coast» to work not only on the populated islands, but also on the remainder. Some slaves began to live on the islands that were not permanently inhabited, where there were only goats and cattle, in order to take care of the animals and crops that were being tried out. From time to time these slaves were visited by employees of the «capitães-donatários» (heads of the administrative divisions) for the purpose of inspecting the slaughter of the animals.

Toward the end of the 16th century the population was very small on some of the islands in the windward group. The introduction of animals and their reproduction on practically all the islands permitted the «shepherds-butchers» to regularly arrange large «slaughterings» with the objective of taking the skins and fat, as well as preparing salted meat. These products were destined for the populations of the islands, as well as also being sold among the navigators that arrived in the ports of the archipelago looking for fresh products.

In the 16th and 17th centuries, São Nicolau, Boa Vista, Brava, Maio and Santo Antão were populated along with the population groups mentioned above. They were joined by mestizos born in the archipelago and/or freed slaves from the other islands. The islands of São Vicente and Sal were only populated in the 18th and 19th centuries respectively.

Then population groups from different origins began to emerge, from the establishment of the first colonists, preferably on the coast and in the estuaries to which traders thronged to supply their ships.

A stopping-off point on the principal maritime routes of the era, the Cape Verde islands became essential to overseas companies since the majority of the ships coming from the Gulf of Guinea, Angola, India, Brazil and the West Indies, or vice versa, stopped in Santiago in order to be supplied with water and provisions, to rest the crew, to repair the fleet and even to take on crew to substitute the sailors lost on the long voyages.

Ribeira Grande, located on Santiago, the first European city in the tropics, gained prestige and reached its peak in the 16th century. During this period it was capital of Cape Verde and a frequently visited port of call. Unfortunately it became the target of attacks by Dutch, English and French pirates and corsairs that put an end to its prosperity. Ribeira Grande was abandoned in 1712 and the city of Praia became the capital of Cape Verde.

During this period, Portugal maintained little contact with Cape Verde. Occasionally the archipelago was entrusted to trade companies (such as Companhia de Grão Pará and Maranhão, among others) that acquired the monopoly there on the Guinea slave traffic integrated within the Portuguese system. This weak connection between the Continent and the islands continued until the effective abolition of the transatlantic black traffic and the administrative separation of Guinea (1879). However, the conquest of Guinea was partly carried out with the support of Cape Verdian soldiers and civil servants in 1915 and even later.

Throughout the 19th century, Cape Verde underwent numerous droughts, the worst being in 1831-1833 (close to 30,000 deaths) and in 1864-1866. Drought also marked life on the islands in the 20th century: 1902-1904 (12,000 deaths), 1920-1923, 1941-1942 and 1946-1948 were also difficult periods for the population (Carreira, 1977, 1983).

In this context of demographic and economic crisis, alternating with significant increases in the birth rate, there was an expansion in the number of emigrants seeking an escape from the serious problems of Cape Verdian society.

Portuguese policy did not outline any alternatives to confront the local problems. The same political strategy in reducing the public investments as much as possible, with the exception of the communications area, found a support point in the Archipelago as Cabo Verde became a labour reserve for the other colonies, such as Guinea, São Tomé and Angola, and a source of supplementary income with the remittances of the emigrants.

Having as a basis an ideology of colonialist character that instilled in the colonised peoples the idea that they were part of a single Nation, without discrimination, the same policy attempted to distance the Cape Verdian people from the turmoil and independence movements that ravaged Portuguese Africa between 1961 and 1974. However, the Cape Verdians living in Guinea organised themselves and under the leadership of Amílcar Cabral the *Partido Africano de Independência da Guiné-Cabo Verde* (P.A.I.G.C.) (African Party for Independence of Guinea-Cape Verde) was created. It demanded joint independence for the two peoples with the formation of two republics.

2.2. The Republic of Cape Verde

After July 5, 1975, date of the independence of Cape Verde, the new country went through an initial period of political uncertainty during which questions connected to their autonomy

relative to Guinea-Bissau were a constant. If the initial intent of the P.A.I.G.C. was essentially the idea of creating two autonomous republics associated with each other, several years were necessary before that idea became reality.

In 1980, the projects for the unification with Guinea-Bissau were set aside. In 1981 this resulted in the change in the name of the party to *Partido Africano da Independência de Cabo Verde* (PAICV) (African Party for the Independence of Cape Verde). In 1990, Cape Verde became a multi-party country and on January 13, 1991 they held legislative elections. These were the first in Portuguese-speaking Africa and several parties participated with the *Movimento para a Democracia* (MPD) being the winner.

Aware of its precarious economy, the new country sought to establish international relationships for assistance and economic cooperation with several western countries (specifically Portugal, The United States, Holland and the Scandinavian Countries, among others), along with creation of measures for fighting underdevelopment.

With the arrival of multi-party democracy, Cape Verde has confronted the challenges of establishing a new model of economic organisation that involves the creation and development of a solid production base, strengthened by the private sector, capable of guaranteeing the position of the country in the international market and of assuring the basis for self-sustained development and the improvement of the quality of life of the population.

3. SOCIO-DEMOGRAPHIC STRUCTURES

3.1. Evolution of the Population

As has been stated above, the populating of the Cape Verde islands began with the presence of a limited number of European colonists along with African slaves. In the early days of this population, the number of white women was very limited and because of this the relationships between the European colonists and the African slaves resulted in the appearance of mestizos, a natural result of racial mixing.

This process of racial intermixing did not happen at the same rate throughout the archipelago, some islands having a more intensive ethnic-group mixing. This initial, quite varied, interbreeding created a great diversity of habits, customs and even physical types on each island. The intermixing took place at random according to possibilities and circumstances, resulting in different ethnic combinations with a composition that ran from black to white and marked by the absence of what could be called a Cape Verdian biological unity.

In summary, and given that the formation of Cape Verdian society had taken place in accordance with the customs of the period (masters and slaves) and through the meeting between two cultures (Europe and Africa), the result was the appearance of a people with their own characteristics and with a culture self-differentiated and distinct from those that provided it support, specifically the Europeans and Africans (França, 1992).

Racial intermixing comprises a basic element in the entire formation process of the society of Cape Verde along with the different conditions that favoured socio-cultural interpenetration and the formation of the basis for the Cape Verdian identity.

According to more recent statistics, the Cape Verdian population is made up of 71% mestizos, 28% blacks and 1% whites. In demographic terms¹, the population is distributed as follows:

In percentage terms, the population is distributed by age and sex as follows²:

The population growth is high, being about 3% per year. The population of Cape Verde is, thus, characterised by its youth. Significant differences among the number of men and women in the various age groups is not noted. The population in the active age groups does not reach a very high number when compared with countries where the level of development is greater.

Relative to this last aspect, the low percentage of active population, emigration to several other countries comprises one of the explanations for the fact.

Table 1 - Evolution of the Population in Cape Verde

YEAR	N.º OF INHABITANTS
1980	295,000
1990	361,510
1991	387,000
1992	399,000
1995	409,483
2000	505,000 (estimated)

¹ Sources: Direcção Geral de Estatística da República de Cabo Verde; Unité de Population et des Ressources Humaines/DGP/CV 96

² Developed from the source: Unité de Population et des Ressources Humaines/DGP /CV 96

Table 2: Percentage distribution of the population in Cape Verde by age and sex

Men (0 - 9 years)	16.2%
Women (0 - 9 years)	16.1%
Men (10 - 19 years)	12.0%
Women (10 - 19 years)	11.9%
Men (20 - 29 years)	8.2%
Women (20 - 29 years)	8.4%
Men (30 - 39 years)	4.9%
Women (30 - 39 years)	6.0%
Men (40 - 49 years)	1.6%
Women (40 - 49 years)	2.9%
Men (50 - 59 years)	1.4%
Women (50 - 59 years)	2.6%
Men (60 - 69 years)	1.8%
Women (60 - 69 years)	2.5%
Men (70+ years)	1.5%
Women (70+ years)	2.0%

3.2. Social Organisation: Family, Groups and Social Classes

In order to understand the components of the present-day Cape Verdian society (formation of social classes, formation of groups and organisation of families), it is necessary to trace its evolution over the centuries.

Initially, a slave society composed of two large social groups: masters and slaves, it has been changing over time with the alteration in its social structure. This is an evolution that resulted from changes seen at different levels: in the distribution and division of rural property; in the division of work; in the distribution of the different ethnic groups that made up Cape Verdian society; in the access to the so-called «written culture» on the part of some sectors of the population; and, through external elements (essentially deriving from migration) that imprinted a new economic, political and cultural dynamic.

According to Carreira (1977), in a first phase of occupation of the islands there were only two well defined groups:

- a) the group of the masters: Europeans of different nationalities (Portuguese, Genoese, Andalucians and others). This group was made up of either nobles (in a limited number), or commoners, men with crafts and debased men (also in quite a small number). There were also the «whites of the land», represented by the mestizo, a product of the interbreeding of white men and black women (slave or free);
- b) The group of slaves that comprised the large majority.

From the combination of factors indicated, the formation of an intermediate group between the «master» and the «slave» was being delineated. This group, with a poorly defined social status, constituted the embryo of the small middle class that later emerged.

Its origins began from former slaves that were able to attain freedom. In effect, with the development of society, some of them were able to flee to the interior of the islands, establishing themselves in difficult to reach locations. Others obtained their freedom through the concession of their release because of their good behaviour or through the delivery of good services and, finally, the «little slaves» (in generally children of the «masters», or of their sons, nephews, grandsons or relatives, had with their or another's slaves). This process accelerated with the soaring migration - which began with whaling by American ships at the end of the 17th century or the first years of the 18th century - and above all after the prohibition by international treaty of the entrance of new slaves into the islands.

The rural property owners, because of the lack of slaves and free workers, were forced to divide their holdings into small parcels, renting them to the freed slaves.

These tenant farmers came from the lower social classes, society's most unprotected layer. Upon becoming aware of the strength and social importance of their group, they often rebelled against the large property owners, making them revise the terms of the rental contracts.

In turn, the emigrants returning principally from the United States of America and other countries, were gradually becoming conscious of their role in the society of Cape Verde. However,

they did not yet understand that the class they represented was defined in opposition to the rural and mercantile middle class.

The white component originally made up the upper social level of Cape Verdian society. However, because of racial mixing and other social occurrences, the designation of «white» (equated with economic, social and political power), stopped corresponding to the designation of «race». It came to be applied to an individual who was «rich» or who was «educated», independent of the colour of their skin, given that the social evolution tended to remove ethnic factors.

At the end of the 18th century and beginning of the 19th, the Cape Verdian society was, according to Carreira, (1977), structured as follows:

- a) a group made up of many «whites of the land» (sergeants, militia commanders, priests, eldest sons of property owners) and a few mestizos or blacks who, because of a variety of circumstances, advanced socially. This group held the best lands and controlled the entire island economic system established on inherited possessions and an entire array of privileges deriving from the possession of land;
- b) a group made up of owners of plots of land assigned to them and/or their descendants; by tenant farmers and partners of the land owners; by professional craftsmen; by small merchants in the interior; and, by the people in general;
- c) finally, the group composed of slaves, whose number was decreasing to the point of its complete disappearance.

Possibly the most important occurrence in the evolution of the society of Cape Verde was the abolition of slavery. This event created an enormous impact on the productive structures on which society was established. The old masters were not prepared to face the change in the system. This fact resulted in an enormous economic and social instability whose effects, although weak, were felt for decades.

Currently, the social structure of Cape Verde partly reflects that from the period which preceded independence. This can be explained by the perceived withdrawal of the islands relative to the Portugal during the colonial period and the weak investment made in almost all sectors. Therefore, Cape Verde has been able to maintain a certain continuity without apparently sustaining the convulsions of a centuries-old colonisation given that it was always seen in a different light. From there, it has developed its own culture, certainly integrating elements of other cultures, but keeping itself almost distant from that commonly imposed by Lisbon on the other colonised territories.

However, the existence of new elements that shape the current society can be pointed out:

- a) the origin of a leading class, whose power essentially derives from popular will;
- b) the appearance of a cultural elite resulting from the contacts established with other countries, often through the sending of students to schools for intermediate and higher education who return to their home country;
- c) the formation and expansion of a new «middle class» made up, namely, of former emigrants with money who return to the islands.

4. ECONOMIC STRUCTURES

As we have already pointed out, the economy of Cape Verde is weak. This is because of an inadequate development of its productive infrastructures, having a small active population and a centuries-old tradition of emigration as an escape from this economic crisis. Also, as we have stated, the geo-climatic conditions of the archipelago have hindered its economic development. In demographic terms, the islands have been marked by authentic cycles of population reduction and explosions.

Being among the poorest countries in the world, Cape Verde has a Gross Domestic Product that is able to contribute only around 60% of the national expenditures. The remaining amount is guaranteed by international assistance and by remittances from emigrants that the State would like placed in local investments. The amounts of the commercial deficit and of Internal Demand require the application of rigid policies in order to retain the confidence of international organisations relative to the continuation of the external financial support necessary for the country's development. Under these conditions, it can be stated that the true richness of the Country is its population, estimated at around 409,483 inhabitants according to 1995 data. In order to expand the knowledge of the economic reality of the islands of Cape Verde, it is important to analyse its economic situation in more detail.

4.1. Agriculture

Despite the irregular rainfall and the cyclic periods of drought, agricultural activity occupies around 55% of the active population. This is subsistence agriculture carried out with traditional techniques and at the mercy of climatic circumstances, chiefly the lack of rain. Governmental policy in this sector has been directed toward the expansion of the area under irrigation. Resorting to various types of rainfall retention, increasing the search for water in the subsoil and constructing dikes, are some examples of the immense investment effort for the supplying and confining of water for agricultural purposes. In the area of conservation of soil and water, the forestation begun in 1978 has been the object of support measures based on international co-operation programmes. To minimise the effects of erosion, 16% of the total area of Cape Verde has benefited from the planting of millions of trees appropriately distributed. The cultivated area is around 1/4 of the total area of the country (103,300 hectares); 58% of this area is used for cultivation without irrigation; 37.6% for grazing land and 1.8% for irrigated cultivation; the remaining 2.6% are taken up by forests.

The major cultivated products are corn (basis of the diet), cassava, sweet potato, sugar cane and banana.

Local production comprises only 10% of the needs for consumption, it being necessary to import the remaining 90%. Therefore, it is understood that help with supplying food carried out on the international level constitutes an essential support for the survival of the population.

4.2. Animal Breeding

The production and development of animal breeding in Cape Verde also suffers from the effects of drought and is an activity complementary to agriculture. With the aim of decreasing the effects of drought, the government has supported the import of feed. The raising of animals is carried out in the traditional forms of pasturing.

4.3. Fishing

Cape Verde has plentiful fish and seafood resources, concentrated in an Exclusive Economic Zone that cover more than 700,000 km². Fish and lobster represent more than 2/3 of the exports. Fishing could be a potential source of revenue given the length of the coastline and the richness and diversity of the fishing banks. Notwithstanding these characteristics, the level of catches remains relatively low and is limited by the low technological level of the material used, the lack of financial support and need for professional retraining of the fishermen.

The development of industrial fishing has been stated as another of the essential objectives that has directed policy in the sector. The port of Mindelo and its shipyards operate as support infrastructures for deep-sea fishing. Around 1,000 tons of tuna are preserved in the plants in Boa Vista, Santiago, Sal and São Nicolau. The preservation of fish is performed in the refrigerated facilities on the islands of São Vicente and Sal, with only 20% of the total storage capacity being used.

With the aim of satisfying the basic objectives that the fishing sector seeks to attain, several measures are under study, such as increasing the national fishing fleet, modernisation of the preservation plants and an improved organisation of the traditional fishermen.

4.4. Industry

In the early years of the 20th century, Cape Verde had only a few traditional and semi-industrial structures: small sugar, *aguardente* (firewater) and textile (cloth and blanket) factories. It also exported some products such as archil (a plant that gives a violet dye), *purgueira* (source of oil for soap production), cotton, and leather, as well as salt and coffee much later. Currently, the industrial sector, still not expanded to all the islands, is essentially naval construction, civil construction, iron/steel smelting, carpentry and furniture, ceramics and cement, paints and varnishes, shoes and ready-made clothes, preserved fish products, drinks and pharmaceutical products. This is a sector that still has a limited standing in the economy of the country, whose activity is heavily dependent on foreign supplies and which only exports a small portion of its production. The manufacture of shoes and of ready-made clothes relies on the increasing num-

ber of companies exempt from customs duties that are being established with the objective of producing for export.

The industrial fabric is chiefly composed of small- and medium-sized components, the greater part of the private companies being located in the cities of Praia and Mindelo.

In an effort toward reorienting the strategy for development of this sector, large incentives are given for foreign and national private investment that has been directed toward the substitution of imports and the promotion of exports. In order to attain this objective, the functioning of support infrastructures has been reinforced and improved, as in the example of the industrial zone of Praia. The introduction of intensive projects for professional training is an important aspect of this same policy.

The extractive industry in Cape Verde has important resources for the production of salt on the island of Sal (which means salt) and Maio; for the production of pozzuolana, that can be used in hydraulic projects when mixed with cement, on the island of Santo Antão, and for the production of stone and gypsum on the island of Maio. The islands of Sal, Boavista and São Vicente have deposits of kaolin, basalt and potter's earth.

There is also an informal and traditional sector made up of craftsmen, which is quite heterogeneous and diversified. Weaving, the production of hats, baskets, mats, ceramics, cassava flour, «firewater», honey and sugar are products sensitive to marketing, given their excessive production. However, difficulties related either with its development or with its marketing are still being felt.

5. CULTURAL STRUCTURES

The culture of the Cape Verdian people reflects, once again, a blending of the two influences, European and African, intermixed over five centuries of history. The different displays of its culture are an example of this.

5.1. Language

Portuguese is the official language of Cape Verde. However, «Creole» (a mother tongue created by the Cape Verdians) is the method of oral communication of the population of the archipelago. The basic reason for Creole is in its character, which is deeply rooted in the Cape Verdian soul and is part of the heritage and spiritual richness of a people (Ferreira, Manuel, 1967).

In the initial stage of populating, the colonists were not able to impose their language on their relationship with the slaves. The current Cape Verdian language derives from the approach of both languages and the development of the versions used jointly. Although used by all social levels, Creole, was sometimes fought and opposed. Little by little it succeeded in adding its social independence to its literary independence. Since the last quarter of the past century, two distinct languages, Portuguese and Creole, have been at the service of the Cape Verdian writer. The formal acceptance of bilingualism for the Cape Verdian was very recently decided by the National Assembly of Cape Verde.

5.2. Literature

Cape Verde is the Portuguese-speaking country where a literature from native roots first thrived. It was the product of the work of an elite that was defending the need for reacquainting the land and the people. The island of São Nicolau, for more than two hundred years the bishop's see of the diocese of Cape Verde, occupied a special place in the cultural development of Cape Verde, especially through its Seminary-Secondary School, active from 1866 to 1917.

The most important literary movement was begun in 1936 around *Claridade* (Clarity) magazine (1936-1960)³. Among the writers and intellectual contributors were Baltasar Lopes, Manuel Lopes, José Barbosa, Félix Monteiro, António Aurélio Gonçalves, Gabriel Mariano, Jaime de Figueiredo, Henrique Teixeira de Sousa, Arnaldo França.

Around the members of the *Claridade* group, as well as others that later established *Certeza* (1944), the *Boletim Cabo Verde* and its *Suplemento Cultural* (1958), a large cultural movement was developed that had a major impact that extended beyond the limits of the archipelago.

³ The chronology of the issues published by *Claridade* magazine is the following: three issues were published in 1936-37; issues 4, 5, 6, and 7 in 1947-49; issues 8 and 9 in 1958-60.

Among the important names in the field of poetry are Jorge Barbosa, Aguinaldo da Fonseca, Osvaldo Âncantara (pseudonym of Baltasar Lopes), Ovídio Martins, Gabriel Mariano, Teobaldo Virgínio, Corsino Fortes and Osvaldo Osório.

The oral literature of Cape Verde is rich and varied and imbued with the gestures and habits of the population. The basic elements of many of these «tales» originate from the fables from Guinea and Portugal, both involved in the development of the islands. The animals that enter into contention are the young goat, the chicken, the male calf, the crow, the *passadinha* (a bird), the heron, the owl, the whale, the cat, the rabbit and the horse, all part of the fauna of Cape Verde. There were also other animals that entered into them, but never inhabited the archipelago, such as the wolf, the *ganga* (a type of fox), the moonfish and the elephant. The stories are full of princes, princesses, kings and angels, such as Lucifer.

The oral literature, because of its symbolic content, includes such a wide variety of «tales» that they were grouped into cycles to make it easier to put them in order. The cycles of *Ti Lobo* (Uncle Wolf), of *Chibinho* (Young Goat) and of *Ti Ganga* (Uncle Fox) are well-known «tales» in addition to *Mã Pêxe Cabalo* (a female figure - Mother Moonfish), the *Sirena* (Mermaid), *Bulimundo* (Herculean strength) and *Boi Dourado* (Golden Ox) and many others that reveal domestic sentiments and religious-magic beliefs with moral messages that instruct.

These traditional fables projected the unique potential of a society that was capable of adopting foreign material for itself, particularly from Guinea and continental Portugal, and of transforming them into a perspective of change at the same time that it gives them an authentic characteristic mark and meaning. The cycle of *O Lobo e o Chibinho* (The Wolf and the Young Goat) is an example of the fabrication of representations that arise from Cape Verdian sensitivity, susceptible to artistic displays and that are at one with human suffering (Ferreira, 1967; Lopes Filho, 1981).

A good part of Cape Verdian oral tradition is also from an essentially Portuguese base, namely the celebrations for Christmas, New Year and the Three Wise Men, as well as festivities celebrated for the days of the popular Saints.

5.3. Music and Dance

Music and dance accompany all Cape Verdian social activities, fulfilling an important role in their most varied exhibitions. Considering the development process of Cape Verde, the roots of traditional music and dance are lost in time. They originated from elements coming from several sources ranging from «Arabic lamentations» to African rhythms and music of European origin (Lopes Filho, 1981).

The *morna*, a musical creation seen as the highest example of the sensitivity of a people, expresses through individual voices *sôdade*, departure for the *terra-longe*, tenderness, *morabeza*⁴, virtues, dramas, loneliness and much that is an expression of the collective feelings in the archipelago.

From its rich compilation, the well-known poetry of Eugénio Tavares and of B. Leza (pronounced *Bêléza*), among others, is outstanding. They are composers and poets that gave the best of their talent to the song and bestowed on the *morna* a poetry of unparalleled originality. Of the different forms of music, we highlight: the *coladêra* and the *funaná*, expressing humour, sensuality and happiness; the *tabanca*, from the island of Santiago, performed in a repetitive

⁴ The richness and complexity of the sense of *morabeza*, a Creole expression, hinders its complete definition. Among the sentiments that it seeks to express are highlighted "lovingness", "hospitality", "gift for welcoming", and "solidarity".

rhythm by women using drums, horns, cornets and cloths; the *pilão* of the island of Fogo; the *finaçom*, of basically African origin; the *Colá S. Jon*, using drums that are beat until exhaustion at the time of the festivities of Saint John the Baptist (June 24); the *mazurka* once danced in the salons of Europe, as well as the waltz, the quadrille and others up to the most modern forms of musical expression that have been affected by the most varied external influences.

The guitar, clarinet, small guitar, violin, fiddle, harmonica, accordion, drums and other percussion are the most frequently used musical instruments.

5.4. Handicrafts

Cape Verdian handicrafts do not display a uniform style, a «national model» of object types, representative of the common Cape Verdian culture. On the contrary, there is, indeed, a variety of products that express the relationship between man and his natural and social environment in a given space and at a specific time (Lopes Filho, 1981).

Traditional ceramics, basket work, mat production, rope fabrication, weaving, leatherwork and objects made from coconut shell make up the craftsman activities most representative of the traditional culture of this people. Works of woven cotton are greatly esteemed and were even rewarded by the designs being minted on coins during the 18th century (Carreira, 1983a).

5.5. Cuisine

The cuisine and sweets are two of the most characteristic expressions of the culture of Cape Verde. There is a great variety of regional dishes, the majority have corn as a base, given that this grain is the basis for the diet. As examples, the main dishes include *cachupa* (a stew of cracked corn, beans, vegetables and fish or meat), *cornmeal mush* served with milk, *rolão*, *xerém*, *djagacida*, *corn*, *roast green corn*, *milho aliado* (a type of popcorn), *camoca*, *couscous*, etc.

Equally famous are the delicious *saucos* of the archipelago, *the fish broth*, *friginato* and the cheeses of Boa Vista.

Among the sweets, which also have corn as a base, there is a great variety of cakes and sweets prepared with cornmeal and molasses, such as *fongo*, *fonguinho*, *banana-de-fongo*, *gufongo*, *brinhola*, *batanca*, *filhós*, the pastries and others.

Also greatly esteemed are sweets of banana, guava, papaya, coconut, milk, *açucrinha* and others.

5.6. Religion

The Catholic religion is predominant in the islands (around 90% of its inhabitants profess it). The remainder profess other beliefs, particularly Protestant churches, which in Cape Verde are mostly represented by the Church of the Nazarene.

In the rural milieu, they live and practice religion mixed with myths, rites and values combined with animist beliefs, where the supernatural and the strength of the forces of nature are linked to the two aforementioned religions.

6. EMIGRATION

6.1. The Cape Verdian and Emigration

According to França (1992), the reasons behind the migratory flows of the population of Cape Verde can be collated into the following groups:

- low standard of living of the population;
- increased demographic growth;
- extended and frequent drought crises;
- need for cheap and amenable labour in developing countries;
- better conditions for living provided for those that work in these countries;
- strong memory of emigration (historic emigration);
- influence exerted by the returned emigrant by the display of external signs of wealth and the acquisition of «prestige goods», as well as information transmitted about the destination countries;
- spirit of adventure common to all the islanders;
- ease of transport.

Cape Verdian emigration has been directed toward several continents, according to internal and external circumstances that permitted it. As a result, in each period there has been a destination that surpassed the others. As a result, there were significant successive migratory waves in the direction of the Americas, Africa and Europe.

The following is the distribution of emigration to these four continents:

6.2. Cape Verdians in Portugal

In Portugal, Cape Verdians moved on their own initiative in the period before April 25, 1974. These movements were supported by governmental organisations since they filled the void left by Portuguese labour that had emigrated to other European countries or were serving in the colonial war in Africa.

Therefore, Portugal became the preferred destination for a significant portion of Cape Verdian emigrants, notwithstanding the national situation not encouraging this migratory movement. The economic recession and obstacles of a legal nature that the Portuguese authorities placed

Cape Verdian Diaspora (estimated)⁵

Countries	N. ^o of Emigrants
USA	250,000
Brazil	3,000
Argentina	2,000
North and South America Subtotal	255,000
Portugal	80,000
Holland	15,000
Italy	10,000
France	11,000
Luxembourg	3,000
Spain	2,300
Switzerland	1,500
Belgium	800
Sweden	700
Germany (ex-West Germany)	600
Norway	200
Europe Subtotal	125,100
Angola	35,000
Senegal	23,000
São Tomé and Príncipe	8,000
Guinea-Bissau	2,000
Mozambique	700
Gabon	200
Africa Subtotal	68,900
TOTAL ⁽¹⁾	449,000

(¹) Other countries welcome Cape Verdians, in groups generally less than 200 individuals: Finland, Iceland, Canada, Venezuela, Uruguay, Mauritania, Ivory Coast, etc.

⁵ The statistics relative to the number of Cape Verdians in the diaspora are difficult to obtain exactly. Nevertheless, an estimate of this reality can be given through the data obtained from the following sources: "Publicação Emigrason", Praia, special issue, July 1985; "Emigration et Transfert des Cap-verdiens emigrés: Rapport final"/SEDES, 1989; Conference "Cabo-verdianos e Cidades na Europa" held in Rotterdam in October 1996.

on these workers created contradictory situations. This is the circumstance, for example, of the increased number of clandestine residents that have come to the Country with an authorisation for a limited visit and end up by staying. With the independence of Cape Verde, the legal situation of the Cape Verdians in Portugal tended to worsen given that they acquired the status of foreigner, often with illegal residence.

The Cape Verdian community made up the largest group of foreign immigrants in Portugal. Faced with groups of immigrants from other African countries with Portuguese as the official language, this community presents specific characteristics deriving from the high number of its members, from uncertain and unlawful types of work, as well as from community housing and social integration.

In the period immediately following April 25, 1974, and in the context of the population movement coming from the ex-colonies, there was a significant flow of Cape Verdians also coming from the ex-colonies where they performed the most varied administrative functions. In Portugal they were integrated predominantly in the Public Administration, performing tasks connected to education and health. Many of them chose Portuguese nationality.

After 1976, the situation of the Cape Verdian worker changed significantly. Often being clandestine without a defined legal status, their entrance into the labour market has been made more and more difficult. Being in an economic sector in crisis (construction and public works), they are subjected to unorthodox types of labour contracting. The situation of the Cape Verdian woman is even worse because of the uncertainty and low pay of their work, whether as household domestics or selling goods in the street.

The Cape Verdian community in Portugal has predominantly settled in areas of clandestine housing, maintaining unstable patterns of life and housing. Situations of overcrowded housing and the lack of basic infrastructures (water and electricity) are commonly seen. A certain social maladjustment becomes inevitable as the result of these conditions.

Through cyclic festivities to celebrate the fundamental stages of life (birth, marriage, baptism and death), the Cape Verdians preserve their original culture, although not without contradictions. On the one hand, they find themselves integrated in a society that is different to them, but equally seductive. Because of the difficult integration into the society and culture of the country that welcomes them (chiefly for the children who face serious problems of integration which contribute to their lack of success in school), the Cape Verdian, in spite of constantly dreaming of returning to their homeland, is confronted with other values.

Being integrated into the context of a consumer society, they feel the pressure of the most seductive components of this society (desire for acquisition of socially prestigious consumer goods), without, however, being able to integrate these into a true lifestyle. The Cape Verdians feel the need to save their earnings to send to their families that remained and in order to be able to return to their homeland one day.

These remittances are important sources of revenue for the families that stayed in their homeland, as well as being, jointly with the remittances that come from other emigration destinations, very important components in the Balance of Payments of Cape Verde.

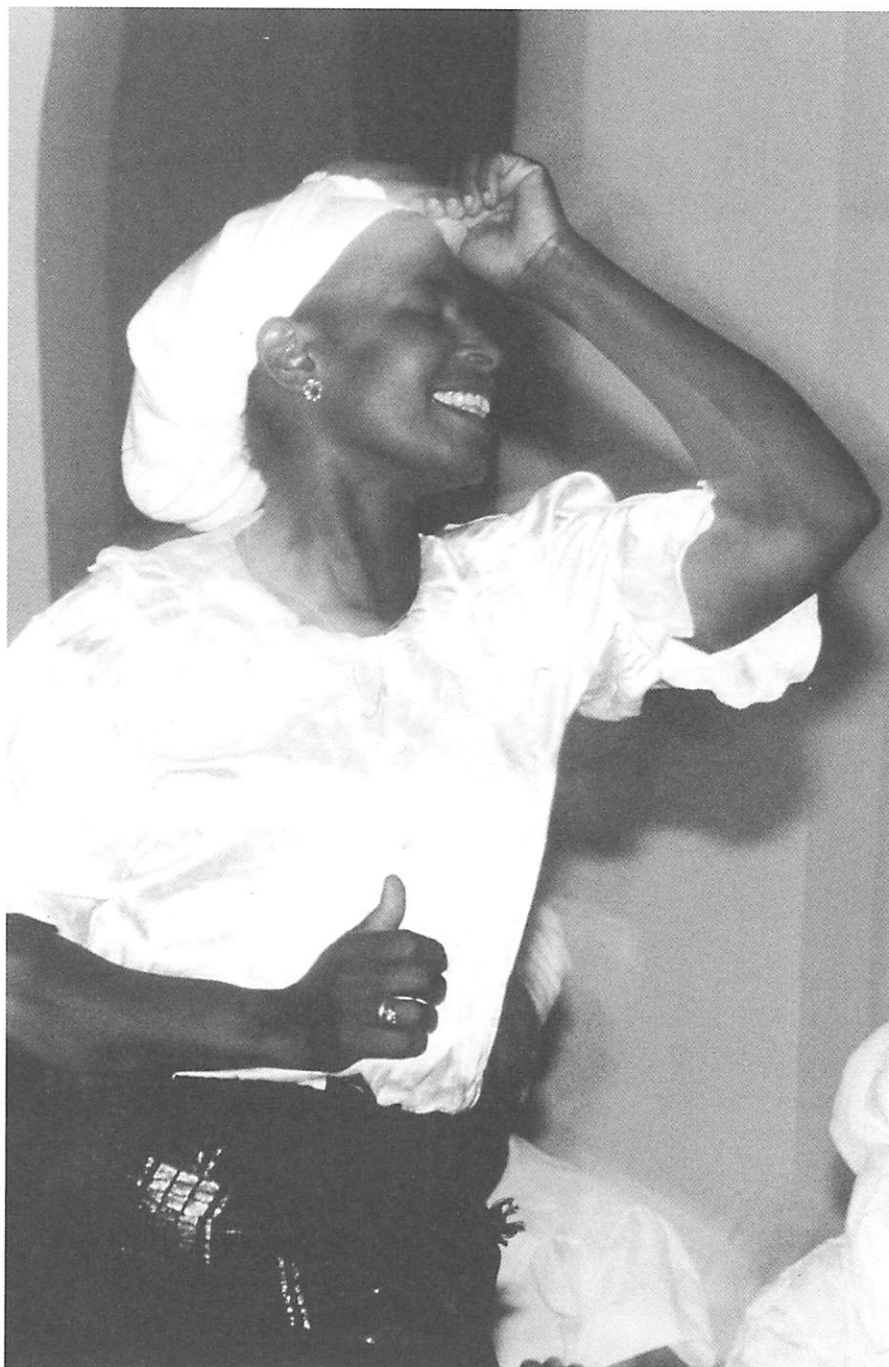
The dilemma between «wanting to stay and having to leave», symbolised in the Cape Verdian culture through *Sôdade*, is a constant in the life of the Cape Verdian emigrants who are not able to detach themselves from the land where they were born and who live in the hope of one day being able to return.

*(...) These seas were never walls, much less now. Yesterday
they united us. Today the swift advance guards are shortening the distances (...)
Slowly, national reconstruction advances
Island to Island. Pain to pain. Love to love.*

Ovídio Martins

Cabo Verde. Dez anos de Desenvolvimento, S/D

Le Cap-Vert



*Nous sommes fouettés par le vent de l'est!
(...) Nous mourons et nous ressuscitons
chaque année
au désespoir de ceux qui nous empêchent
de poursuivre notre marche
Entêtés, nous restons debout
en un défi aux dieux et aux hommes
Et les sécheresses ne nous font plus peur
car nous avons découvert l'origine des choses
(quand nous pourrons!...)*

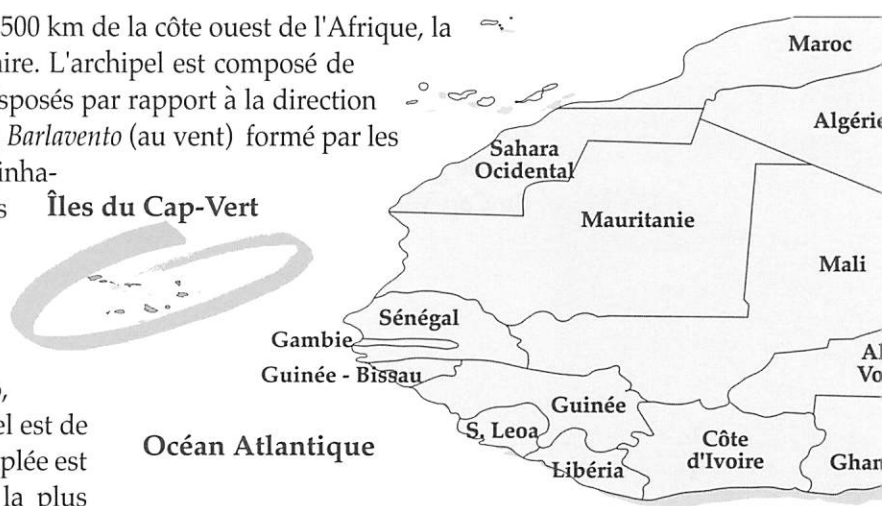
Ovídio Martins
100 poemas, 1974

SOMMAIRE

	Página
1. LOCALISATION. STRUCTURES PHYSIQUES ET GÉOGRAPHIQUES	69
2. L'ÉVOLUTION HISTORIQUE DU CAP-VERT	71
2.1. Période Coloniale	72
2.2. La République du Cap-Vert	73
3. STRUCTURES SOCIODÉMOGRAPHIQUES	75
3.1. Évolution de la Population	75
3.2. Organisation Sociale: Famille, Groupes et Classes Sociales	76
4. STRUCTURES ÉCONOMIQUES	79
4.1. Agriculture	79
4.2. Élevage	80
4.3. Pêche	80
4.4. Industrie	80
5. STRUCTURES CULTURELLES	83
5.1. Langue	83
5.2. Littérature	83
5.3. Musique et danse	84
5.4. Artisanat	85
5.5. Cuisine	85
5.6. Religion	85
6. ÉMIGRATION	87
6.1. Le Capverdien et l'émigration	87
6.2. Les Capverdiens au Portugal	87
BIBLIOGRAPHIE	90
INFORMATIONS PRATIQUES	91
REMERCIEMENTS	92

1. LOCALISATION. STRUCTURES PHYSIQUES ET GÉOGRAPHIQUES

Située dans l'Océan Atlantique Nord, à environ 500 km de la côte ouest de l'Afrique, la République du Cap-Vert est un territoire insulaire. L'archipel est composé de dix îles et huit îlots répartis en deux groupes disposés par rapport à la direction du vent alizé du nord-est: au nord, le groupe du *Barlavento* (au vent) formé par les îles de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (inhabitée), São Nicolau, Sal, Boa Vista et les îlots inhabités de Pássaros, Branco et Raso; au sud, le groupe de Sotavento (sous le vent), qui comprend les îles de Maio, Santiago, Fogo, Brava et les îlots inhabités de Santa Maria, Grande, Luís Carneiro, Sapado et Cima. La superficie totale de l'archipel est de 4.033 km². La plus grande île et aussi la plus peuplée est Santiago, avec une superficie de 930 km², et la plus petite des îles habitées est Brava, avec 64 km².



Situé en plein Atlantique, à proximité de l'Afrique et au carrefour entre l'Europe et l'Amérique, la position géographique et l'importance géostratégique du Cap-Vert ont grandement influencé son peuplement et sa vie économique, sociale et culturelle.

D'origine volcanique, sa topographie est divisée en deux groupes d'îles distincts: les îles planes, situées à l'est et bordées de longues plages (Sal, Boa Vista et Maio); celles au relief accidenté, dont les plus montagneuses sont Santo Antão, São Nicolau, Fogo et Santiago. Le Pic de l'île de Fogo, où se trouve un volcan en activité, est le point le plus haut de tout l'archipel du Cap-Vert avec ses 2.829 mètres d'altitude.

Sto. Antão



S. Vicente



Sta. Luzia



S. Nicolau

Sal



Boa Vista

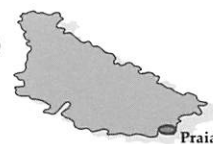
Les îles subissent normalement de fréquents tremblements résultant non pas des effets volcaniques, mais surtout de modifications tectoniques et de soulèvements de l'archipel, encore en cours, et dont témoignent les terrasses côtières qui, sur certains versants, atteignent parfois près de 200 mètres. On observe également à haute altitude des couches sédimentaires d'origine maritime qui se déplacent à l'occasion des crues, envahissant et détruisant les sols.



Brava

Fogo

S. Tiago



Maio



Océan Atlantique

0 30 Km

Le climat du Cap-Vert est du type aride et semi-aride, sujet aux influences de la «région du Sahel» et marqué par des périodes de longues sécheresses. Il est en effet conditionné par trois grands courants de vents: les vents alizés du nord-est (humides et frais); les vents d'est (chauds et secs) et le front intertropical (chaud et humide), responsable des pluies d'été et aux caractéristiques irrégulières sur son passage.

On distingue deux saisons climatiques: celle des brises, saison la plus froide (de décembre à avril) où les alizés soufflent avec plus d'intensité et la température moyenne varie entre 18 et 21 degrés; la plus chaude (mai-septembre) avec des températures moyennes entre 27 et 31 degrés.

La saison des pluies va d'août à octobre et dépend de l'influence du front intertropical qui, quand il atteint l'archipel, peut provoquer parfois des niveaux de pluviosité assez élevés et même des inondations.

L'irrégularité du climat est une constante de l'histoire du Cap-Vert, comme le montre l'existence de périodes de longues sécheresses au long des siècles, alternant parfois avec des périodes de grandes précipitations, dont beaucoup désastreuses et néfastes pour le développement du Cap-Vert.

2. L'ÉVOLUTION HISTORIQUE DU CAP-VERT

Les îles du Cap-Vert, qui doivent leur nom à un cap du même nom situé sur la côte du Sénégal, à proximité de l'archipel, auraient été «découvertes» par des navigateurs qui y accostèrent, mais l'on ne sait pas vraiment qui les localisa pour la première fois. Certains auteurs citent le cas du Vénétien Cadamosto, tandis que d'autres penchent pour le portugais Diogo Gomes et le gênois António de Noli (1460). Malgré la polémique soulevée autour de celui qui «découvrit» chacune des îles, il est presque certain qu'elles étaient inhabitées. La première île aperçue aurait été Santiago et les noms attribués à chacune d'entre elles correspondraient au saint du calendrier chrétien du jour de leur découverte. Le peuplement commence par l'arrivée des Portugais, colons de la métropole, d'abord de l'Algarve et de Madère et, plus tard, du nord du pays, et un certain nombre d'étrangers. Ceux-ci sont ensuite rejoints par les esclaves venus de Guinée, du Sénégal, les Bantous, les Soudanais et autres.

Certains chercheurs ont admis la possibilité d'une occupation humaine antérieure, malgré l'absence de vestiges culturels ou de toutes autres manifestations qui témoignent de la présence humaine avant l'arrivée des Portugais. Rien ne permet cependant de conclure que des peuples africains de la bande maritime toute proche ne se seraient pas rendus sur telle ou telle île (Carreira, 1983; França, 1992).

Dès le début, le peuplement des îles du Cap-Vert fut progressif, sans vraiment obéir à un plan systématique d'occupation de la part de l'État portugais, exclu d'une politique d'occupation et de présence effectives du Portugal, dans un contexte d'expansion et de domination coloniales aux objectifs bien définis: la colonisation de territoires en Afrique, en Asie et en Amérique, plus précisément au Brésil. Le Cap-Vert se présenta, depuis toujours, comme un cas à part par rapport aux autres colonies portugaises, en raison de facteurs structurels (conditions géologiques et climatiques) et conjoncturels (conditions démographiques, politiques et économiques).

Les aspects politico-économiques étaient étroitement liés à la conjoncture vécue dans la propre Métropole et à la politique coloniale mise en oeuvre à l'époque. Il faut cependant souligner certains problèmes endémiques de la société capverdienne, aux conséquences graves pour les populations: a) une économie assez fragile; b) un croissence démographique élevé et, enfin, c) les sécheresses fréquentes et prolongées, avec des conséquences désastreuses pour les populations.

La colonisation portugaise au Cap-Vert se caractérisa très tôt par son aspect normatif : on pensait que pour être considéré «portugais de loi» il suffirait que l'autochtone accepte un ensemble de normes et de codes institutionnalisés. La propre politique d'«assimilation» du colonialisme portugais, comme d'ailleurs le processus d'évangélisation lui-même, étaient imprégnés d'aspects purement normatifs. (Lima, Mesquitela, 1981)

Ce n'est qu'au XXe siècle, dans les années 30, avec la publication de la *Constituição Política* (Constitution Politique) et de la *Carta Orgânica do Império Colonial Português* (Charte Organique

de l'Empire Colonial Portugais), que le Portugal semble avoir imprimé un nouveau cap à son action colonisatrice dans les territoires dits «*ultramarinos*» (d'outre-mer), selon l'expression de l'époque. Le Cap-Vert ne pouvait manquer de subir les effets de ce tournant opéré dans la politique coloniale, même s'ils n'ont constitué en réalité que des mesures palliatives (dont sont l'exemple, dans les années 60, l'ouverture de routes et l'emploi de 41.000 fonctionnaires), puisque les problèmes de base demeuraient et que la solution semblait être toujours la même: l'émigration.

Une émigration qui avait déjà des racines séculaires et qui se poursuivra après l'indépendance du Cap-Vert, le 5 juillet 1975.

2.1. Période Coloniale

Sous l'administration portugaise, l'archipel est divisé en capitaineries et est peuplé progressivement par quelques blancs de la métropole et surtout par des esclaves.

L'éloignement des îles du Cap-Vert par rapport au Portugal, leur climat et la nature de leurs sols empêchent tout type d'agriculture comparable à celle qui avait été introduite à Madère, par exemple. Le Cap-Vert servait surtout d'entrepôt au trafic des esclaves assuré par les différentes puissances coloniales au long des siècles.

Santiago fut la première île à être habitée, suivie de Fogo. Près de quarante ans après la découverte de l'archipel, seules ces deux îles étaient habitées. L'occupation des autres était précédée du lancement de caprins qui se reproduisaient rapidement en liberté.

Vers 1490 des bergers sont envoyés à Boa Vista et à Maio, mais ce peuplement s'avère presque insignifiant puisqu'il se limite à l'élevage et à la culture du coton par quelques esclaves. La colonisation se poursuit avec le peuplement de Brava et de Santo Antão.

En raison du petit nombre de colons européens, il fallut importer des esclaves de la «Côte de Guinée» pour travailler non seulement dans les îles peuplées, d'abord, mais aussi dans les autres. Les îles non habitées en permanence, où il n'y avait que des chèvres et quelques bovins, furent ainsi peuplées par quelques esclaves qui avaient pour fonction de s'occuper des animaux et des cultures qui y étaient expérimentées. De temps en temps, elles recevaient la visite d'employés des «*capitães-donatários*» (capitaines-donataires) qui venaient inspecter l'abattage des animaux.

A la fin du XVI^e siècle, le groupe de *Barlavento* était encore très peu peuplé. Le lancement de bétail et sa reproduction dans presque toutes les îles permettaient aux «bergers-batteurs» d'organiser régulièrement de grands «abattages» afin de se procurer peaux, graisse et viande salée. Ces produits étaient non seulement destinés aux populations des îles, mais aussi vendus aux navigateurs qui faisaient escale dans les ports de l'archipel pour s'y ravitailler.

Aux XVI^e et XVII^e siècles furent peuplées São Nicolau, Boa Vista, Brava, Maio et Santo Antão, où les éléments de la population déjà mentionnés furent rejoints par des métisses nés dans l'archipel et/ou des esclaves libérés des autres îles. São Vicente et Sal ne furent peuplées qu'aux XVIII^e et XIX^e siècles, respectivement.

C'est alors que commencèrent à apparaître de petites agglomérations, de différentes origines, formées à partir de la fixation des premiers colons, de préférence sur le littoral et les embouchures, où affluaient les commerçants pour ravitailler les navires.

Escale des principales routes maritimes de l'époque, l'archipel du Cap Vert devient essentiel aux entreprises d'outre-mer puisque la majeure partie des navires en provenance du Golfe de Guinée, d'Angola, de l'Inde, du Brésil et des Indes Occidentales, ou s'y rendant, s'arrêtaient à Santiago pour s'y ravitailler en eau et en nourriture, pour le repos des équipages, la réparation de la flotte et même pour y embarquer les marins destinés à remplacer ceux perdus durant les longs voyages.

Ribeira Grande, à Santiago, la première ville européenne des tropiques, gagne du prestige et atteint son apogée au XVI^{ème} siècle. A l'époque, capitale du Cap-Vert et port d'escale très fréquenté, elle devient hélas la cible des pirates et des corsaires hollandais, anglais et français qui mettent fin à sa prospérité. En 1712, Ribeira Grande est abandonnée et Praia devient la capitale du Cap-Vert.

A cette époque, les contacts entre le Portugal et le Cap-Vert étaient rares. Occasionnellement, l'archipel est confié à des compagnies commerciales (comme la «Companhia de Grão Pará e Maranhão», entre autres) qui y obtiennent le monopole du trafic d'esclaves guinéens intégré dans le système portugais. Cette quasi absence de liens entre la métropole et l'archipel se maintiendra jusqu'à l'abolition effective du trafic négrier transatlantique et à la séparation administrative de la Guinée (1879). La conquête de la Guinée fut néanmoins réalisée en partie avec l'aide de soldats et de fonctionnaires capverdiens en 1915 et même plus tard.

Durant tout le XIX^e siècle, le Cap-Vert subit de nombreuses sécheresses, dont les plus terribles furent celles de 1831-1833 (environ 30 000 morts) et de 1864-1866. Mais au XX^e siècle l'archipel n'est pas non plus épargné par la sécheresse: 1902-1904 (12 000 morts), 1920-1923, 1941-1942 et 1946-1948 furent des périodes également difficiles pour les populations (Carreira, 1977, 1983).

Dans ce contexte de crise économique et démographique, alternant avec des augmentations significatives des taux de natalité, le nombre d'émigrés qui cherchent une issue aux graves problèmes de la société capverdienne s'accroît.

Aucune alternative n'est prévue par la politique portugaise pour faire face aux problèmes locaux. La même stratégie politique, en limitant au strict minimum les investissements publics, sauf dans le secteur des communications, trouve dans l'archipel un point d'appui, grâce à la réserve de main-d'oeuvre pour les autres colonies, comme la Guinée, São Tomé et l'Angola, et une source de revenus supplémentaire constituée par les virements des émigrés.

Basée sur une idéologie colonialiste qui inculquait aux peuples colonisés l'idée selon laquelle ils faisaient partie d'une seule et même Nation, sans discriminations, cette politique s'efforce d'écarter le peuple capverdien des convulsions et des mouvements indépendantistes qui ravagèrent l'Afrique portugaise entre 1961 et 1974. Mais les Capverdiens résidents en Guinée s'organisent et le Parti Africain d'Indépendance de la Guinée-Cap-Vert (P.A.I.G.C.) est créé sous la direction d'Amílcar Cabral et réclame l'indépendance des deux peuples et la constitution de deux républiques.

2.2. La République du Cap-Vert

Après le 5 juillet 1975, date de l'indépendance du Cap-Vert, le pays commence par vivre une période d'indéfinition politique où les questions liées à l'autonomie par rapport à la Guinée-Bissau sont une constante. Même si le P.A.I.G.C. avait soutenu dès le départ l'idée de la création de deux républiques autonomes fédérées entre elles, il a néanmoins fallu attendre plusieurs années avant que cette idée ne devienne une réalité.

En 1980, les projets d'unification avec la Guinée-Bissau sont mis de côté, et en 1981 le parti prend la désignation de Parti Africain d'Indépendance du Cap-Vert (PAICV). En 1990, le Cap-Vert adopte le pluripartisme et les élections législatives ont lieu le 13 janvier 1991. La victoire à ces premières élections de l'Afrique Lusophone est remportée par le Mouvement pour la Démocratie (MPD).

A l'heure actuelle, conscient de la précarité de son économie, ce jeune État s'efforce de subsister en établissant des relations d'aide et de coopération économique avec les pays occidentaux (notamment le Portugal, les États-Unis, la Hollande, l'Allemagne et les Pays Scandinaves entre autres), tout en créant des mesures de lutte contre le sous-développement.

Avec l'avènement de la démocratie et du pluripartisme, le Cap-Vert affronte les défis de l'implantation d'un nouveau modèle d'organisation économique, qui passe par la création et le développement d'une base de production solide, renforcée par le secteur privé, susceptible de garantir le positionnement du pays sur le marché international et d'assurer les bases nécessaires à un développement durable et à l'amélioration de la qualité de vie des populations.

3. STRUCTURES SOCIODÉMOGRAPHIQUES

3.1. Évolution de la Population

Comme nous l'avons vu, les premiers habitants des îles du Cap-Vert furent des colons européens (en nombre limité) et des esclaves africains. Au tout début de ce peuplement, le nombre de femmes blanches était très réduit et les relations entre les colons européens et les esclaves africains donnèrent lieu à l'apparition de métisses, résultant naturellement du croisement des deux races.

Ce processus de mélange ne connut pas le même rythme dans tout l'archipel et le croisement des groupes ethniques fut plus intense dans certaines îles. Ce croisement initial fut tellement varié qu'il donna lieu à toute une diversité de moeurs et de coutumes et même de types physiques dans chaque île. La fusion s'opéra ainsi au gré des possibilités et des circonstances, par la création de combinaisons ethniques diversifiées, selon une composition qui va du noir au blanc, marquée par l'absence de ce que l'on pourrait appeler une unité biologique capverdienne.

La formation de la société capverdienne s'est donc produite selon les coutumes de l'époque (maîtres et esclaves) et par la rencontre entre deux cultures (Europe et Afrique), dont a résulté un peuple ayant ses propres caractéristiques et une culture autodifférenciée et différente de celles qui lui avaient servi de support, notamment européennes et africaines (França, 1992).

Le métissage constitue un élément fondamental dans tout le processus de formation de la société du Cap-Vert, ainsi que d'autres facteurs qui ont facilité l'interpénétration socio-culturelle et la formation des bases de «l'identité capverdienne».

Selon les statistiques les plus récentes, la population capverdienne est composée de 71% de métisses, 28% de noirs et 1% de blancs. En termes démographiques¹, elle est répartie de la façon suivante:

La répartition de la population² par sexe et par tranche d'âge est la suivante:

La croissance de la population est élevée, puisqu'elle se situe dans les 3% l'an. La population du Cap-Vert est particulièrement jeune, le nombre d'hommes et de femmes dans chaque tranche d'âge est assez équilibré et la population active est assez réduite si on la compare aux pays plus développés. L'émigration est l'une des explications à ce dernier aspect.

Tableau 1 - Évolution de la Population au Cap-Vert

ANNÉES	NOMBRE D'HABITANTS
1980	295 000
1990	361 510
1991	387 000
1992	399 000
1995	409 483
2000	505 000 (estimation)

¹ Sources: Direction Générale de la Statistique de la République du Cap-Vert; Unité de Population et des Ressources Humaines/DGP /CV 96.

² Élaboration des la source: Unité de Population et des Ressources Humaines/DGP /CV 96.

Tableau 2 - Répartition de la Population du Cap-Vert par Sexe et par Âge

Hommes (0-9 ans)	16,2%
Femmes (0-9 ans)	16,1%
Hommes (10-19 ans)	12,0%
Femmes (10-19 ans)	11,9%
Hommes (20-29 ans)	8,2%
Femmes (20-29 ans)	8,4%
Hommes (30-39 ans)	4,9%
Femmes (30-39 ans)	6,0%
Hommes (40-49 ans)	1,6%
Femmes (40-49 ans)	2,9%
Hommes (50-59 ans)	1,4%
Femmes (50-59 ans)	2,6%
Hommes (60-69 ans)	1,8%
Femmes (60-69 ans)	2,5%
Hommes (+ 70 ans)	1,5%
Femmes (+ 70 ans)	2,0%

3.2. Organisation Sociale: Famille, Groupes et Classes Sociales

Pour bien comprendre les éléments qui constituent la société capverdienne actuelle (formation des classes sociales, constitution des groupes, organisation des familles), il convient de retracer son évolution au long des siècles.

Société esclavagiste au départ - composée de deux grands groupes sociaux, les maîtres et les esclaves - sa structure interne se transforma au long des temps, en fonction des modifications survenues à différents niveaux: dans la distribution et la division de la propriété rurale; dans la division du travail; dans la répartition des différents groupes ethniques qui composaient la société capverdienne; dans l'accès à la culture dite «écrite» par certains secteurs de la population; et également en fonction de certains éléments extérieurs (découlant essentiellement du phénomène migratoire) qui imprimèrent une nouvelle

dynamique, politique et culturelle.

Selon Carreira (1977), la première phase de l'occupation des îles comprenait uniquement deux groupes bien distincts:

- a) le groupe des maîtres: européens de différentes nationalités (portugais, génois, sévillans et autres) était composé de nobles (en nombre limité), d'hommes du peuple, d'artisans et de bannis (en nombre également assez limité). Il y avait aussi les «blancs du pays», représentés par les métisses, produit du croisement de l'homme blanc avec la femme noire (esclave ou libre).
- b) le groupe des esclaves qui constituait la majeure partie de la population.

La convergence des facteurs indiqués a donné lieu à la naissance d'un groupe intermédiaire entre le «maître» et l'«esclave» qui avait un statut social mal défini et allait constituer plus tard la petite bourgeoisie.

Il prend ses origines chez les anciens esclaves devenus libres. En effet, avec l'évolution de la société, certains d'entre eux parviennent à s'enfuir vers l'intérieur des îles, où ils s'installent à des endroits difficiles d'accès; d'autres, sont affranchis pour leur bon comportement ou la prestation de bons services et, enfin, les «*escravinhos*» (en général, enfants faits par les «maîtres» ou leurs fils, neveux, petits-fils ou parents à leurs propres esclaves ou à celles des autres). Ce processus est encore accéléré par la vague migratoire - qui commence avec la pêche à la baleine par les navires américains à la fin du XVII^e siècle ou au début du XVIII^e - et surtout après l'interdiction, par les traités internationaux, d'entrée de nouveaux esclaves dans les îles. Les propriétaires ruraux, qui manquaient d'esclaves et de travailleurs libres, furent obligés de diviser leurs domaines en petites parcelles pour les louer aux esclaves libres.

Les fermiers, originaires des couches les plus démunies, prirent alors conscience de la force et de l'importance sociale de leur groupe et se révoltèrent plusieurs fois contre les grands propriétaires terriens pour les obliger à revoir les termes des contrats de location.

A leur tour, les émigrés qui rentraient au pays, surtout en provenance des États-Unis, prirent peu à peu conscience de leur rôle dans la société du Cap-Vert, sans toutefois comprendre encore que la classe qu'ils représentaient se définissait par opposition à la bourgeoisie rurale et marchande.

Même si, au départ, l'élément blanc constituait la couche sociale supérieure de la société capverdienne, en raison du brassage des races et d'autres phénomènes sociaux, la désignation «blanc» (connotée avec le pouvoir économique, social et politique) cessa de désigner la «race» pour s'appliquer à tout individu «riche» ou «instruit», indépendamment de la couleur de sa peau, puisque l'évolution sociale tendait à se détacher des facteurs d'ordre ethnique.

A la fin du XVIIIe siècle et au début du XIXe, la société capverdienne est, selon Carreira (1977), structurée de la façon suivante:

- a) un groupe constitué de beaucoup de «blancs du pays» (officiers, prêtres, gentilhommes) et quelques métisses ou noirs qui, pour différentes raisons, avaient réussi leur ascension sociale. Ce groupe détenait les meilleures terres et contrôlait tout le système économique insulaire basé sur les biens patrimoniaux et sur tout un ensemble de privilèges découlant de la possession de la terre;
- b) un groupe formé par les paysans et/ou leurs descendants, les fermiers et les partenaires des propriétaires terriens, par les artisans, les petits commerçants de l'intérieur et par le peuple en général;
- c) enfin, le groupe des esclaves, dont le nombre diminua progressivement jusqu'à son extinction totale.

Le phénomène le plus marquant de l'évolution de la société du Cap-Vert fut l'abolition de l'esclavage, qui eut un impact considérable sur les structures productives sur lesquelles reposait la société. Les anciens seigneurs n'étaient pas préparés pour affronter ce changement de système, ce qui entraîna un énorme déséquilibre économique et social dont certains effets se faisaient encore sentir il y a quelques décennies.

A l'heure actuelle, la structure sociale du Cap-Vert correspond en partie à celle de la période qui a précédé l'indépendance, notamment en raison de l'éloignement des îles par rapport à la métropole durant la période coloniale et des faibles investissements réalisés dans presque tous les secteurs. Le Cap-Vert a ainsi réussi à maintenir une certaine continuité et ne semble pas souffrir des traumatismes d'une colonisation séculaire puisque, dans ce contexte, l'archipel a toujours été un cas à part. C'est ce qui lui a permis de constituer sa propre culture, en intégrant des éléments d'autres cultures, certes, mais en restant pour ainsi dire à l'écart de ce qui était habituellement imposé par Lisbonne aux autres territoires colonisés.

La société capverdienne actuelle comporte cependant de nouveaux éléments:

- a) la naissance d'une classe dirigeante, dont le pouvoir résulte de la décision du peuple;
- b) l'apparition d'une élite culturelle, résultant des contacts établis avec d'autres pays, souvent par l'envoi d'étudiants dans les établissements d'enseignement moyen et supérieur qui finissent par retourner dans leur territoire d'origine;
- c) la formation et l'expansion d'une nouvelle «classe moyenne», qui englobe aussi anciens émigrés qui sont rentrés au pays après s'être enrichis.

4. STRUCTURES ÉCONOMIQUES

Comme nous avons pu le souligner, l'économie du Cap-Vert est fragile, en raison du faible développement de ses structures de production. Sa population active est réduite et le pays possède une tradition d'émigration séculaire, comme issue à cette crise économique. Par ailleurs, les conditions géo-climatiques de l'archipel ne sont pas non plus particulièrement propices au développement économique et, en termes démographiques, les îles ont été marquées par de véritables cycles de récession et d'explosion de la population.

Figurant parmi les pays les plus pauvres du monde, le Cap-Vert affiche un Produit Intérieur Brut qui ne contribue qu'avec environ 60% aux dépenses nationales. Le reste est assuré par l'aide internationale et par les virements des émigrés que l'État aimerait voir placés dans des investissements locaux. Les chiffres du déficit commercial et de la Demande Interne exigent la mise en oeuvre de politiques rigoureuses, destinées à garder la confiance des institutions internationales en ce qui concerne la poursuite des aides financières externes nécessaires au développement du pays. Dans ces conditions, on pourra dire que la véritable richesse du pays est constituée par sa population, estimée à environ 409 483 habitants en 1995.

Pour mieux connaître la réalité des îles du Cap-Vert, nous allons procéder à une analyse plus détaillée de sa situation économique.

4.1. Agriculture

Malgré l'irrégularité des pluies et les périodes cycliques de sécheresse, l'activité agricole occupe près de 55% de la population active. Il s'agit d'une agriculture de subsistance, pratiquée selon des procédés artisanaux et à la merci du climat, notamment du manque de pluie. La politique gouvernementale dans ce secteur est mise sur l'expansion de la surface irriguée. Le recours à de multiples solutions destinées à retenir les eaux de pluie, le développement de la prospection d'eau dans le sous-sol et la construction de barrages, sont des exemples de l'immense effort d'investissement réalisé pour la fourniture et la captation d'eau à usage agricole. Dans le domaine de la conservation des sols et des eaux, les opérations de boisement commencées en 1978 font l'objet de mesures d'aide dans le cadre de programmes de coopération internationale. 16% de la surface totale du Cap-Vert a bénéficié de la plantation de millions d'arbres disposés de manière à amoindrir les effets de l'érosion. La surface cultivable occupe environ le 1/4 de la superficie totale du pays (103 300 hectares); 58% de cette surface est utilisée pour les cultures non irriguées, 37,6% pour les pâturages et 1,8% pour les cultures irriguées; les 2,6% restants sont occupés par les forêts.

Les produits les plus cultivés sont le maïs (base de l'alimentation), le manioc, la patate douce, la canne à sucre et la banane.

La production locale ne couvre que 10% des besoins et les autres 90% doivent être importés. On comprend donc que l'aide alimentaire réalisée à niveau international soit indispensable à la survie des populations.

4.2. Élevage

La production et le développement de l'élevage au Cap-Vert subissent également les effets de la sécheresse et constituent une activité complémentaire à l'agriculture. Pour diminuer les effets de la sécheresse, le gouvernement apporte son soutien à l'importation de fourrages. L'élevage est pratiqué selon les modèles traditionnels.

4.3. Pêche

Le Cap-Vert possède d'abondantes ressources de poisson et de fruits de mer, concentrées dans une Zone Économique Exclusive qui couvre plus de 700 000 km². Le poisson et la langouste représentent plus des 2/3 des exportations. La pêche pourrait être une source de revenus potentielle étant donné l'étendue de la côte maritime et la richesse et la diversité de ses bancs de poissons. Les quantités pêchées restent cependant à des niveaux assez bas en raison de la vétusté des équipements utilisés et de la nécessité de formation et de reconversion professionnelles des pêcheurs.

Le développement de la pêche industrielle est l'un des autres objectifs principaux de la politique de ce secteur. Le port de Mindelo et son chantier naval servent d'infrastructures à la pêche océanique. Près de mille tonnes de thon sont transformées dans les conserveries de Boa Vista, Santiago, Sal et São Nicolau. La conservation du poisson est assurée dans les installations frigorifiques de São Vicente et de Sal, dont la capacité totale de stockage n'est utilisée qu'à 20%. Afin d'atteindre les objectifs essentiels dans le secteur de la pêche, plusieurs mesures sont actuellement à l'étude, comme l'augmentation de la flotte de pêche nationale, la modernisation des conserveries et une meilleure organisation de la pêche artisanale.

4.4. Industrie

Au début du XXe siècle, le Cap-Vert ne possédait que quelques structures artisanales ou semi-industrielles : petites fabriques de sucre, d'eau-de-vie, de textile, et exportait quelques produits comme l'orseille, le médicinier, le coton, le cuir et, plus tard, le sel et le café. De nos jours, le secteur industriel, qui ne couvre pas toutes les îles, comprend essentiellement la construction navale, le bâtiment, la métallomécanique, la menuiserie et le mobilier, la céramique et le ciment, les peintures et les vernis, les chaussures et la confection, les conserves de poisson, les boissons et les produits pharmaceutiques. Ce secteur occupe encore une position limitée dans l'économie du pays. Son activité dépend fortement des fournitures obtenues à l'extérieur et seule une petite partie de sa production est exportée. La transformation au niveau des chaussures et de la confection compte un nombre croissant d'entreprises franches qui s'installent pour exporter leurs productions.

Le tissu industriel est surtout constitué de petites et moyennes entreprises, dont la plupart privées et situées de préférence à Praia et à Mindelo.

Un effort de réorientation de la stratégie de développement de ce secteur a été engagé, par l'octroi d'aides importantes à l'investissement privé national et étranger afin de réduire les importations et d'augmenter les exportations. Pour atteindre cet objectif, il a fallu renforcer et améliorer le fonctionnement des infrastructures, comme la zone industrielle de Praia. Le lancement d'actions intensives de formation professionnelle est aussi un aspect important de cette politique.

L'industrie d'extraction au Cap-Vert dispose d'importantes ressources au niveau de la production de sel, à Sal et à Maio, de la production de pouzzolane, à Santo Antão, qui mélangé au ciment peut être utilisé dans les travaux hydrauliques, et de la production de pierre et de plâtre à Maio. Les îles de Sal, Boavista et São Vicente possèdent des gisements de kaolin, de basalte et d'argile.

Il existe également un secteur artisanal informel constitué par le groupe économique des artisans, assez hétérogène et diversifié. Le tissage, la confection de chapeaux, de paniers, de nattes, la céramique, la farine de manioc, l'eau-de-vie, le miel et le sucre sont des produits susceptibles d'être commercialisés, étant donné leur production excédentaire. Cependant, les difficultés liées à l'écoulement de ces produits se font encore sentir.

5. STRUCTURES CULTURELLES

La culture du peuple capverdien reflète elle aussi la fusion de deux influences, européenne et africaine, amalgamées au long de cinq siècles d'histoire, comme en témoignent les différentes manifestations de sa culture.

5.1. Langue

Bien que le portugais soit la langue officielle du Cap-Vert, le créole est la forme d'expression orale de la population de l'archipel. La raison fondamentale du créole est sa nature même, celle d'être attachée à l'âme du capverdien et de faire partie du patrimoine et de la richesse spirituelle d'un peuple (Ferreira, Manuel, 1967).

Dans les premiers temps du peuplement, le colonisateur n'a pas réussi à imposer sa langue dans ses rapports avec l'esclave. La langue capverdienne actuelle découle de processus de rapprochement entre les deux langues et de perfectionnement des versions utilisées en commun, bien que le créole ait parfois été combattu et réprimé. Peu à peu, il put ajouter à son indépendance sociale son indépendance littéraire. A partir de la fin du XIXe siècle, l'écrivain capverdien s'exprime en deux langues distinctes, le portugais et le créole.

La reconnaissance officielle du bilinguisme du Cap-vertien a été décidée récemment par l'Assemblée Nationale du Cap-Vert.

5.2. Littérature

Le Cap-Vert est le premier pays lusophone à voir naître une littérature de racine autochtone, fruit du travail d'une élite qui défendait la nécessité de rapprocher le pays et sa population. L'île de São Nicolau, qui fut pendant plus de deux cents ans le siège du diocèse du Cap-Vert, joua un rôle primordial dans le processus de développement culturel de l'archipel, en particulier grâce à son Séminaire-Lycée, en activité de 1866 à 1917.

Le mouvement littéraire le plus important a commencé en 1936 autour de la revue *Claridade* (1936-1960)³ et a eu comme représentants des écrivains et des intellectuels tels que Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Félix Monteiro, António Aurélio Gonçalves, Gabriel Mariano, Jaime de Figueiredo, Henrique Teixeira de Sousa, Arnaldo França entre autres.

Autour des membres du groupe *Claridade* et des autres qui se formèrent par la suite : *Certeza* (1944), *le Bulletin Cap-Vert* et son *Supplément Culturel* (1958), se développa un vaste mouvement culturel de grande répercussion, qui dépassa les limites de l'archipel.

³ La situation chronologique des numéros de la revue *Claridade* publiés est la suivante: en 1936-37, trois numéros; en 1947-49, les numéros 4, 5, 6 et 7; en 1958-60, les numéros 8 et 9.

Dans le domaine de la poésie citons, entre autres, les noms de Jorge Barbosa, Aguinaldo da Fonseca, Osvaldo Alcântara (pseudonyme de Baltasar Lopes), Ovídio Martins, Gabriel Mariano, Teobaldo Virgínio, Corsino Fortes et Osvaldo Osório.

La littérature orale capverdienne est riche et variée et est imprégnée des gestes et des habitudes des populations du Cap-Vert. Les éléments de base de nombreuses histoires proviennent des contes guinéens et portugais, présents dans la formation des îles. Les animaux qui reviennent sont le petit chevreau, la poule, le veau, le corbeau, la *passadinha*, le héron, la chouette, la baleine, le chat, le lapin, le cheval, éléments de la faune du Cap-Vert et autres bêtes qui n'ont jamais habité l'archipel : le loup, la gelinotte, l'hippocampe et l'éléphant. Les histoires abondent également en d'autres personnages : princes, princesses, rois et anges comme Lucifer.

La littérature orale caractérisée par son contenu symbolique comprend une variété tellement grande d'histoires, les *estórias*, que pour mieux les répertorier elles ont été regroupées en cinq cycles. Les cycles du *Ti Lobo*, du *Chibinho* et de la *Ganga* sont bien connus, les *estórias* où interviennent la *Mã Pêxe Cabalo* (personnage féminin) la *Sirena* (Sirène), le *Bulimundo* (force herculéenne), et du *Boi Dourado* et bien d'autres qui font revivre des sentiments familiaux et des croyances magico-religieuses avec des messages didactiques et moralisants.

Ces contes traditionnels illustrent la capacité *sui generis* d'une société qui a su s'approprier des éléments qui lui étaient étrangers, notamment de la Guinée et de la métropole, les transformer selon une optique de réélaboration, tout en leur imprimant une touche et une signification authentiques. Le cycle *O Lobo e o Chibinho* est un exemple de la construction de représentations qui émergent de la sensibilité capverdienne, perméable aux manifestations artistiques et qui se solidarise avec la souffrance humaine (Ferreira, 1967; Lopes Filho, 1981).

Une bonne partie de la tradition orale capverdienne a elle aussi une base essentiellement portugaise, en ce qui concerne la célébration de Noël, du Nouvel-An et des Rois, ainsi que les festivités réalisées à l'occasion des «Saints populaires».

5.3. Musique et Danse

La musique et la danse accompagnent toute l'activité sociale capverdienne et jouent un rôle essentiel dans ses manifestations les plus variées. Compte tenu du processus de formation de la société, les racines de sa musique et de ses danses traditionnelles remontent aux temps les plus anciens. Des éléments de plusieurs provenances sont à l'origine, depuis les «lamentations arabes» jusqu'aux rythmes africains et à la musique d'origine européenne (Lopes Filho, 1981).

La *morna*, création musicale considérée comme l'expression maximale de la sensibilité d'un peuple, chante, à travers des voix individuelles, la *sôdade*, le départ pour la *terra-longe*, la tendresse, la *morabeza*⁴, les vertus, les drames, la solitude et tout ce qui peut exprimer des sentiments collectifs dans l'archipel.

A son répertoire richissime figure, entre autre, la poésie d'Eugénio Tavares, celle de B. Leza (se lit *Bêléza*, c'est-à-dire beauté), compositeurs et poètes qui ont donné à la chanson le meilleur de leur talent et ont conféré à la *morna* une poésie d'une indéniable originalité.

Parmi les différentes formes d'expression musicale, citons: la *coladêra* et le *funaná*, qui traduisent l'humour, la sensualité et la joie; la *tabanca*, de l'île de Santiago, exécutée, sur un rythme répétitif, par des femmes qui utilisent des tambours, des buccins, des cornets et des voiles; le *pilão* de l'île du Fogo; le *finaçom*, d'origine essentiellement africaine; le *Colá S. Jon*, où

⁴ La richesse et la complexité du sens de *morabeza*, expression créole, ne permettent pas d'en donner une définition exacte. Parmi les sentiments traduits par ce mot figurent notamment «l'amourabilité», «l'hospitalité», «la capacité de bien recevoir», «la solidarité».

l'on frappe sur les tambours jusqu'à l'épuisement à l'occasion de la Saint Jean (24 juin); la *mazurca*, autrefois dansée dans les salons d'Europe, de même que la valse, la contredanse et autres, et les formes modernes d'expression musicale qui ont subi les influences étrangères les plus diverses.

La guitare, la clarinette, le *cavaquinho* (petite guitare à quatre cordes), le violon, le rebec, l'harmonica, l'accordéon, les tambours et autres percussions sont les instruments de musique les plus utilisés.

5.4. Artisanat

L'artisanat capverdien n'a pas un motif uniforme, un «modèle national» d'objets-type, représentatif de la culture populaire de l'archipel. Au contraire, il existe toute une variété de productions qui expriment la relation de l'homme avec son milieu naturel et social dans un espace donné et à un certain moment (Lopes Filho, 1981).

La poterie traditionnelle, la vannerie, les nattes, la corderie, le tissage, la tannerie, les objets en écorce de noix de coco constituent les activités artisanales les plus représentatives de la culture traditionnelle de ce peuple. Les articles en coton tissé sont tout particulièrement appréciés et furent même primés au XVIII^e siècle (Carreira, 1983a).

5.5. Cuisine

La cuisine et la pâtisserie sont deux des expressions les plus caractéristiques de la culture du Cap-Vert. Il existe une grande variété de plats régionaux, la plupart à base de maïs, céréale qui constitue la base de l'alimentation de l'archipel. A titre d'exemple, citons la *cachupa*, les *papas de milho* servies avec du lait, le *rolão*, le *xerém*, la *djagacida*, le *milho-em-grão*, le *milho-verde* grillé, le *milho aliado*, la *camoca*, le *cuscuçuz*, etc.

Les savoureux *molhos* de l'archipel, le *caldo-de-peixe*, le *friginato* et les fromages de Boa Vista sont également fameux.

La pâtisserie, confectionnée à base de maïs et de mélasse, est extrêmement variée: *fongo*, *fonguinho*, *banana-de-fongo*, *gufongo*, *brinhola*, *batanca*, les beignets, etc.

Les confitures de banane, de goyave, de papaye, de noix de coco, de lait, la *açucrinha* sont également très appréciés.

5.6. Religion

La religion catholique est dominante dans l'archipel (environ 90% de ses habitants se disent de cette confession). Les autres professent notamment l'Église Protestante qui est représentée majoritairement au Cap-Vert par l'Église du Nazaréen.

Dans les milieux ruraux, l'on vit et l'on pratique une religiosité mêlée de mythes, de rites et de valeurs connotées avec des croyances animistes, où le surnaturel et le poids des forces de la nature s'allient à ces confessions.

6. ÉMIGRATION

6.1. Le Capverdien et l'émigration

Selon França (1992), les raisons à l'origine des flux migratoires des populations du Cap-Vert sont les suivantes:

- bas niveau de vie des populations;
- croissance démographique élevée;
- crises prolongées et fréquentes provoquées par la sécheresse;
- besoin de main-d'oeuvre bon marché et docile dans les pays en développement;
- meilleures conditions de vie offertes à ceux qui travaillent dans ces pays;
- forte mémoire de l'émigration (émigration historique);
- influence exercée par l'émigré de retour en ce qui concerne la présentation de signes extérieurs de richesse et l'acquisition de «biens de prestige» ainsi que les informations véhiculées sur les pays de destination;
- esprit d'aventure commun à toutes les insulaires;
- facilités des moyens de transport.

L'émigration capverdienne s'oriente vers différents continents, selon la conjoncture interne et externe. Il y a donc eu à chaque moment une destination privilégiée par rapport aux autres. Nous avons donc eu au fil des temps des courants migratoires significatifs qui se sont succédés vers les Amériques, l'Afrique et l'Europe.

La répartition de l'émigration entre ces trois continents est la suivante:

6.2. Les Capverdiens au Portugal

Bien que les Capverdiens se rendent à leur propre initiative au Portugal, durant la période qui a précédé le 25 avril 1974, leur venue dans ce pays était appuyée par les autorités gouvernementales, puisqu'ils venaient remplir le vide laissé par la main-d'oeuvre portugaise qui avait émigré en Europe ou qui était partie faire la guerre coloniale en Afrique.

Le Portugal est ainsi devenu la destination préférée d'une partie significative des émigrés capverdiens, même si la propre conjoncture nationale ne favorisait pas ce mouvement migra-

Tableau 3 - Diaspora Capverdienne (estimation)⁵

Pays	Nbre émigrés
USA	250.000
Brésil	3.000
Argentine	2.000
Total Amérique	255.000
Portugal	80.000
Hollande	15.000
Italie	10.000
France	11.000
Luxembourg	3.000
Espagne	2.300
Suisse	1.500
Belgique	800
Suède	700
Allemagne (ex RFA)	600
Norvège	200
Total Europe	125.100
Angola	35.000
Sénégal	23.000
São Tomé et Prince	8.000
Guinée Bissau	2.000
Mozambique	700
Gabon	200
Total Afrique	68.900
TOTAL (1)	449.000

(¹) D'autres pays accueillent les Capverdiens, en nombre généralement inférieur à 200: Finlande, Islande, Canada, Venezuela, Uruguay, Mauritanie, Côte d'Ivoire, etc.

⁵ Les statistiques exactes sur le nombre de Capverdiens dans la diaspora sont difficiles à obtenir. Cependant, il est possible d'en faire une estimation grâce aux données obtenues à partir des sources suivantes: "Publicação Emigrason", Praia, numéro spécial, juillet 1985; "Emigration et transfert des Capverdiens émigrés: Rapport final"/SEDES, 1989; Conférence "Caboverdianos e Cidades na Europa" réalisée à Rotterdam en octobre 1996.

toire. La récession économique et les obstacles légaux soulevés par les autorités portugaises à l'encontre de ces travailleurs créent actuellement des situations contradictoires. C'est le cas, par exemple, du nombre important d'immigrés clandestins qui viennent au Portugal avec une autorisation provisoire de séjour et qui finissent par y rester. Avec l'indépendance du Cap-Vert, la situation juridique des Capverdiens au Portugal tend à s'aggraver puisqu'ils se retrouvent avec un statut d'étrangers, bien souvent sans autorisation de séjour.

La communauté capverdienne constitue le plus grand groupe d'immigrés au Portugal. Par rapport aux groupes d'immigrés d'autres pays africains de langue officielle portugaise, cette communauté présente des caractéristiques spécifiques liées au nombre de ses membres et aux formes précaires et marginales de travail, de logement et d'intégration sociale.

Durant la période qui a suivi le 25 avril 1974, et dans le contexte du mouvement de population en provenance des anciennes colonies, l'on a assisté à un flux significatif de Capverdiens venant eux aussi des anciennes colonies, où ils exerçaient les fonctions administratives les plus diverses. Au Portugal, ils se sont surtout intégrés dans l'Administration, notamment dans l'enseignement et la santé. Beaucoup d'entre eux ont opté pour la nationalité portugaise.

Après 1976 la situation du travailleur capverdien change radicalement. Très souvent clandestin, sans situation légale définie, son insertion dans le marché du travail est de plus en plus difficile. Intégré dans un secteur économique en crise (le bâtiment et les travaux publics) il finit par se soumettre à des formes d'embauche irrégulières. La situation de la femme capverdienne est encore pire du fait de la précarité et de la faible rémunération de son travail, soit comme femme de ménage soit comme vendeuse ambulante.

La communauté capverdienne au Portugal est surtout installée dans des zones d'habitation clandestine où les conditions de vie sont précaires, le plus souvent dans des logements bondés et sans infrastructures élémentaires (eau, électricité). La marginalisation sociale devient inévitable dans ces conditions.

C'est encore par la réalisation de festivités cycliques, pour célébrer les étapes fondamentales de la vie (naissance, mariage, baptême et décès) que le Capverdien préserve sa culture d'origine, non sans contradictions cependant, puisqu'il est inséré dans une société qui lui paraît différente mais en même temps attirante. Avec une intégration difficile dans la société et la culture du pays qui l'a accueilli (notamment les enfants, qui rencontrent de graves problèmes d'insertion qui se reflètent sur l'échec scolaire), et même s'il garde toujours l'objectif de retourner dans son pays d'origine, le Capverdien est confronté à d'autres valeurs.

Intégré dans le contexte d'une société de consommation, il sent la pression des éléments les plus séduisants de la société où il s'insère (désir d'acquisition de biens de consommation signes de prestige social), sans pour autant pouvoir les intégrer dans un véritable style de vie. Le Capverdien éprouve le besoin d'économiser ses revenus pour les envoyer à la famille qui est restée au pays et pour pouvoir y retourner un jour.

Les virements constituent d'importantes sources de revenus pour les familles qui sont restés au pays, mais aussi un élément d'une importance majeure pour la Balance des Paiements du Cap-Vert.

Le dilemme entre «vouloir rester et devoir partir», symbolisé dans la culture capverdienne par la *Sódade* (nostalgie), est une constante dans la vie de l'émigré capverdien qui n'arrive pas à se détacher du pays qui l'a vu naître et qui vit dans l'espoir de pouvoir y retourner un jour.

*(...) Ces mers ne furent jamais des murs, encore moins maintenant. Jadis, elles nous ont unis.
Aujourd'hui, les vedettes rapides vont écourter les distances (...)*

Lentement, la reconstruction nationale avance.

D'île en île. De douleur en douleur. D'amour en amour.

Ovídio Martins

Cabo Verde. Dez anos de Desenvolvimento, S/D

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAPHIE

- ALBUQUERQUE, Luís de; SANTOS, Maria Emília Madeira
1991 - *História Geral de Cabo Verde*, Lisboa / Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical / D.G. do Património Cultural de Cabo Verde
- ALMADA, Maria Dulce
1961 - *Cabo Verde. Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar
- CARREIRA, António
1977 - *Cabo Verde: Classes Sociais - Estrutura Familiar - Migrações*, Lisboa, Ulmeiro
1983 - *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro.
1983a - *Panaria Cabo-verdeana - Guineense. Aspectos Históricos e Socio-Económicos*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro
- FERREIRA, Manuel
1967 - *A Aventura Crioula*, Lisboa, Editora Ulisseia
- FRANÇA, Luís de (coord.)
1992 - *A Comunidade Cabo-verdiana em Portugal*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento
- FUNDO DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL
S.D - *Cabo Verde. Dez Anos de Desenvolvimento*, França, Ed. Delroise
- LIMA, Mesquitela
1981 - Prefácio in *Cabo Verde. Subsídios para um Levantamento Cultural*, Lisboa, Plátano Editora, pp.9-32.
- LOPES FILHO, João
1980 - O Emigrante Cabo-verdiano em Lisboa in *África* n.º 9, Lisboa, Julho/Setembro, pp.444-453.
1981 - *Cabo Verde. Subsídios para um Levantamento Cultural*, Lisboa, Plátano Editora
- MARTINS, Ovídio
1989 - Flagelados do Vento Leste in *50 Poetas Africanos*, Lisboa, Plátano Editora, pp.227-228
S.D. - Ilha a Ilha, in *Fundo de Desenvolvimento Nacional. Cabo Verde, Dez Anos de Desenvolvimento*, França, Ed. Delroise.
- MARTINS, Vasco
1988 - *A Música Tradicional Cabo-Verdiana I (A Morna)*, Praia (Cabo Verde), D.G. do Património Cultural, Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco.
- OLIVEIRA, Margarida
1994 - *Histórias Tradicionais da República de Cabo Verde*, Lisboa Assoc., Sol XXI
- ROMANO, Luís
1975 - *Famintos*, Lisboa, Publicações Nova Aurora
- S.A. - «Cabo Verde» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, , pp. 283-296
- SILVA, Baltazar Lopes da
1984 - *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda
- SILVESTRE, Alda
1994 - *Cabo Verde na Rota da Internacionalização*, Lisboa, G.C.L.P. do Instituto Internacional de Caixas Económicas

INFORMAÇÕES ÚTEIS

USEFULL INFORMATION / INFORMATIONS UTILES

- **ASSOCIAÇÃO CABO-VERDIANA**
 - ∞ R. Duque de Palmela, 2 - 8.º
 - 1250 Lisboa
 - ☎ 353 19 32
- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOINHO DA JUVENTUDE**
 - ∞ Travessa do Outeiro, 1
 - Alto da Cova da Moura
 - 2720 Amadora
- **ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO DE CABO VERDE**
 - ∞ Rua Manuela Porto, 12 - A
 - 1500 Lisboa
 - ☎ 715 29 91
- **ASSOCIAÇÃO JUNTAR MÃOS "DJUNTA MON"**
 - ∞ Rua Duque de Palmela, 2 - 8.º
 - 1250 Lisboa
 - ☎ 933 68 44
- **CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO AMÍLCAR CABRAL - CIDAC**
 - ∞ Rua Pinheiro Chagas, 77 - 2.º
 - 1000 Lisboa
 - ☎ 352 87 18
- **EMBAIXADA DE CABO VERDE EM LISBOA**
 - ∞ Av. do Restelo, 33
 - 1400 Lisboa
- **FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE CABO VERDE EM PORTUGAL**
 - ∞ Prolong. da Av. General Humberto Delgado, S/N
 - Apartado 69
 - 2700 Amadora

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS / REMERCIEMENTS

- Prof. Doutor João Lopes Filho - Antropólogo e professor universitário.
- Dra. Adriana Carvalho - Directora do Instituto Pedagógico, Praia, Santiago, Cabo Verde.
- Dra. Maria José Tregreira - Câmara do Comércio, Indústria e Turismo Portugal - Cabo Verde em Lisboa.

